

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**CARLOS CESAR ALVES CORREA**

**Reflexão sobre o espaço escolar para práticas de leitura literária, formação de  
leitores e letramento literário para o empoderamento do sujeito *queer***

do renascer à produção

**Porto Alegre  
2023**

**CARLOS CESAR ALVES CORREA**

**Reflexão sobre o espaço escolar para práticas de leitura literária, formação de leitores e letramento literário para o empoderamento do sujeito *queer***

do renascer à produção

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Liliam Ramos da Silva

Coorientador: Andrei Cunha

**Porto Alegre  
2023**

Dedico este trabalho às memórias das 237 LGBTQIA+ mortas, muitas assassinadas, no ano de 2022, segundo o Observatório de mortes e violências LGBTI+ (2023) no Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, àquele Grande Pai Oxalá por permitir a minha existência e a concretização do meu maior sonho: um título acadêmico. Também quero agradecer aos meus Pais: Pai Ogum, meu Pai de Religião que sempre me protegeu desde o ventre de minha mãe e que me faz sentir abraçado em seus braços e envolvido em sua capa nos momentos em que mais precisei, e ao Seu Beira-Mar, meu Pai de cabeça que me protege e me abençoa em todos os lugares que ando. Ogunhê, meus Pais!

Agradeço também aos meus antecedentes *queer* e à população negra por terem lutado corajosamente para que eu possa estar gozando dessa minha realidade em que hoje me encontro. Embora ainda tenhamos de atravessar algumas estradas obscuras nesta vida, que, na verdade, infelizmente, não são poucas, temos algumas conquistas asseguradas pelo Estado devido à luta diária e árdua de vocês. Axé, irmãos e irmãs!

Quero agradecer também à política de esquerda, a qual acredito que esteja ao lado do povo, sobretudo o povo marginalizado e estigmatizado cultural, política e historicamente e, embora com alguns tropeços, possibilitou que através da Lei nº 12.711/2012, de Ações Afirmativas, eu e os meus pudéssemos ter entrado em Universidades Públicas para também acessar conhecimentos criados pela humanidade e, assim, colaborar intelectualmente para produção de conhecimentos para uma sociedade melhor, mais justa e digna.

Quero agradecer de forma muito carinhosa aos meus queridos orientadores do meu TCC, Andrei Cunha e Lilliam Ramos, por suas paciências, compartilhamentos de seus saberes e pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional. Como também, por terem desempenhado tal função com dedicação e amizade. Obrigado!

Agradeço também à querida professora Ana dos Santos e ao querido escritor e editor Antônio Schimeneck pelo tempo que ambos dedicaram para responder às

questões das entrevistas para enriquecer meu trabalho acadêmico e também, claro, por terem compartilhado seus saberes, experiências e vivências para que eu pudesse ter dado a continuidade neste texto teórico. MUITÍSSIMO OBRIGADO!

Agradeço às amigadas e parcerias que fiz nessa minha passagem, ao mesmo tempo, aflita e feliz pela UFRGS, onde pude compartilhar meus lamentos e realizações profissionais e pessoais, sobretudo às maravilhosas gurias: Fabi, Camila e Maria Cláudia. Obrigado, gatas!

Quero de forma respeitosa agradecer à Adriane, minha ex-esposa e hoje amiga que tenho, pelo apoio que me deu lá no começo do meu sonho quando apenas estava construindo as bases para ter chegado até aqui e pelo visível orgulho e felicidades genuínas que sentia e sente a cada conquista minha. Obrigado!

Agradeço também ao meu irmão Bruno, e às minhas irmãs, sobretudo, à Giuliane, à Mariele e à Nathalia pelo apoio moral, orgulho e compartilhamento das ideias comigo. Amo muito vocês! Um forte e quente abraço em vocês e aos meus lindos e lindas sobrinhos e sobrinhas que amo tanto.

Agradeço também especialmente aos meus professores de dança, Marcelo Benetti e Priscilla Silvestri, e à Teresinha Silvestri, pelo imenso empurrão que me deram para que eu despertasse meu sonho de cursar uma faculdade. Também por terem nos recebido, minha irmã Mariele e eu, de forma gratuita e de braços abertos para que pudéssemos adentrar nesse mundo que é a Dança enquanto arte de se conhecer. A Dança para mim sempre foi um refúgio, um lugar onde eu podia ser eu e ser inteiramente feliz. Obrigado, pessoal!

Agradeço a todos e todas aquelas pessoas que de alguma forma me ajudaram a concluir este trabalho com dedicação e sucesso, colegas de trabalho e amigos e amigas. Obrigado!

Agradeço com muita felicidade no coração ao meu pai Paulo que amo muito e lembrá-lo, e deixar registrado, que serei grato eternamente pela imensa ajuda que ele me deu quando mais precisei, fazendo com que a nossa aproximação nos

últimos anos me fizesse sentir o filho mais feliz e protegido do mundo. Obrigado e te amo muito, pai.

À mulher mais corajosa e aguerrida que conheço, minha avó Georgina que, ao lado de minha mãe, me criou com muito amor e sabedoria e que foi a primeira professora a me inspirar a seguir na carreira docente desde que ela me levava, aos meus sete ou oito anos, no seu trabalho, que era dar aulas de artesanato, como voluntária, numa escola estadual, à noite. Obrigado, vó. Amo muito a senhora.

Agradeço imensamente à mulher mais nervosa e protetora que conheço, que às vezes preciso dizer que cresci para que eu possa tropeçar, cair e levantar sozinho na vida, mas compreendo que todo esse super cuidado é simplesmente porque há amor, e dos mais elevados e belos, minha amada mãe Ana Carla. Obrigado, mãe, pelos vários apoios morais e financeiros ao longo dessa minha jornada. Te amo demais.

Como também a toda minha família, tanto materna quanto paterna, pelo apoio, incentivo e palavras carinhosas dirigidas a mim nos momentos difíceis, e por compreenderem minhas ausências nos encontros familiares enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

E, por último, mas não menos importante, agradeço àquele Carlos afeminado que deixei por anos guardado dentro de mim por imposição da sociedade, por ter vivido uma época de silenciamento das nossas vozes e nossas vidas e apagamento das nossas lutas e intelectualidades. Agradeço por esse Carlos ter renascido das cinzas para então materializar tudo que vivo orgulhosamente hoje como um homem preto, gay, batuqueiro, cotista e oriundo da favela Jardim Marabá (Limite), hoje morador da Restinga, ambos lugares na zona sul de Porto Alegre. Obrigado aos manos, às minas e às monas.

*A memória não só são pensamentos, imaginação; ela é também uma determinada experiência capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente.*

*Lauro Victor Nunes (2012)*

## RESUMO

A literatura *queer*, ao abordar questões relacionadas à diversidade de gênero, sexualidade e identidade, pode oferecer aos estudantes uma visão mais ampla e empática da experiência humana. A leitura de obras que representam personagens LGBTQIA+ ou que discutam as lutas e os desafios enfrentados por essa comunidade podem ajudar a combater o preconceito, a discriminação e a lgbtfobia, assim como proporcionar uma reflexão sobre a estrutura social vigente a partir dessa abordagem dentro de sala de aula. A proposta aqui então é discutir a urgência necessária das escolas brasileiras abordarem em sala de aula, de forma consciente e objetiva, a literatura *queer* para reflexão de si próprio, de autoconhecimento e reconhecimento do outro como sujeito participante ativo na sociedade. Assim, no primeiro capítulo, há um relato sobre meu processo de autodescoberta da minha homossexualidade e, desse modo, o renascer da minha identidade através do contato mais íntimo que tive com a poesia do poeta português Mário de Sá Carneiro durante o meu curso de graduação em Letras na UFRGS. No seguinte capítulo, tento trazer para este trabalho uma definição do termo *queer* e, por conseguinte, de literatura *queer*. Em seguida, discuto sobre a literatura *queer* em sala de aula e a sua importância de abordá-la para, por exemplo, desenvolver nos estudantes maior compreensão e sensibilidade em relação às suas experiências e das outras pessoas. Por fim, há uma breve entrevista relatada que faço com uma professora de literatura brasileira do Ensino Médio e idealizadora de uma biblioteca LGBTQIAP+, e um escritor e editor de livros. Então, encerro com as considerações finais com meus apontamentos sobre o processo de pesquisa deste trabalho e todos os efeitos de sentidos construídos nele. A ideia é que este trabalho de pesquisa possibilite a promoção de uma cultura pedagógica escolar mais crítica, inclusiva, e segura para todas e todos.

**Palavras-chave:** *Queer*; Literatura *Queer*; Escola; Autorrelato.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2 O RENASCER A PARTIR DA LITERATURA: UMA AUTODESCOBERTA</b>	11
<b>3 DEFININDO O <i>QUEER</i></b>	25
<b>4 REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA <i>QUEER</i> EM SALA DE AULA</b>	34
<b>5 NARRATIVAS REVELADORAS EM ENTREVISTAS</b>	41
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	49
<b>REFERÊNCIAS</b>	52
<b>APÊNDICE I - ENTREVISTA COM ANTÔNIO SCHIMENECK</b>	53
<b>APÊNDICE II - ENTREVISTA COM A ANA DOS SANTOS</b>	56

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem por finalidade discutir questões relacionadas à importância urgente de uma abordagem crítica pedagógica da literatura *queer* em sala de aula para, além de oferecer representatividade LGBTQIA+ neste espaço escolar a partir da ficção, contribuir para a formação de uma consciência crítica ao trazer à tona assuntos como opressão, poder e resistência. Contudo, o objetivo maior será mostrar a fundamental importância de partirmos do conceito teórico-político do termo *queer* neste espaço escolar onde as identidades e valores estão em construção para então atribuir e recolher os efeitos de sentidos construídos através de debates partidos dos textos teóricos e ficcionais à temática *queer*.

Sendo assim, iniciarei com um autorrelato sobre meu processo de descoberta da minha homossexualidade e o renascer da minha identidade e de meus valores por meio da literatura com que tive contato durante meu curso de graduação em Letras na UFRGS, sobretudo através da poesia de Mario de Sá Carneiro (1956), em sala de aula. Esse processo que vivenciei de descoberta da minha identidade e de criação dos meus princípios e valores, foi um momento em que pude renascer e, assim, desenvolver em mim segurança para me expressar e abraçar a minha individualidade.

Em seguida, apresento a definição de *queer* e de literatura *queer*, particularmente para este trabalho, apoiado nas teorias de Miskolci (2012) e Alós (2011), atravessado também pelas escritas da literatura negro-brasileira (CUTI, 2010), por serem vozes dissidentes e porque eu entendo que partem de um mesmo ideal — a luta contra a opressão, assim como o empoderamento e resistência —, para que, assim, se possa compreender o motivo pelo qual é fundamental o surgimento desses textos nos espaços escolares. No mesmo capítulo, porém no seguinte tópico, discuto a importância da literatura *queer* em sala de aula para servir de reflexão e questionamentos sobre a nossa estrutura social heterossexista (MISKOLCI, 2012), além de servir de reflexão sobre as construções dessas identidades na literatura, para então compreendermos as identidades reais que vivem ou presenciam essas vivências e experiências através da coação e repressão.

Os métodos pedagógicos que apresentarei serão apoiados em dois teóricos notáveis cujas contribuições têm sido inestimáveis para minha construção como

professor, por terem uma abordagem inovadora, análise profunda e *insights* pedagógicos muito valiosos para mim, Freire (1997) e hooks (2013), sobretudo para este trabalho em específico que escrevo.

Já no capítulo seguinte, trago relatos das entrevistas que fiz com a professora de literatura brasileira do Ensino Médio e idealizadora de uma biblioteca LGBTQIAP+ Ana dos Santos, e o escritor e editor, dono da editora Ama Livros, Antônio Schimeneck, a fim de dialogar justamente com a urgência de partirmos do termo *queer* e, assim, associar as literaturas entendidas como LGBTQIA+ ao termo político, para que esses sujeitos tomem posse consciente de seus lugares sociais de forma política e, dessa forma, tenham disposição em refletir sobre a estrutura social brasileira para mudá-la, se quiserem.

Por fim, encerro com as considerações finais levantando pontos que me tornaram um outro sujeito durante o percurso dessa pesquisa, um indivíduo com suas certezas e dúvidas ao mesmo tempo, porém, sempre esperançoso em presenciar uma aula de literatura em que as identidades, no seu pluralismo, possam ser representadas e colocadas a refletirem seus lugares de forma sempre política na sociedade e, desse modo, por acreditar na literatura como arte constante da busca pelo conhecimento e autoconhecimento, pela compreensão e autotransformação.

## 2 O RENASCER A PARTIR DA LITERATURA: UMA AUTODESCOBERTA

Sempre fui afeminado desde criança. Lembro-me de adorar brincar de casinha com minhas irmãs e primas e eu era sempre uma personagem feminina de novela. Então, eu corria até o meu quarto e pegava um blusão verde que eu tinha e colocava na cabeça para fazer de cabelo. Encenava feito ator de teatro. Para mim, aquilo era uma brincadeira muito divertida, pois, sem saber, eu estava sendo eu na minha essência. Quando não estava brincando de casinha, minhas outras duas brincadeiras preferidas eram dançar e brincar de escolinha, sendo o professor, e tudo isso me fascinava muito.

Lembro também de minha avó ter dado uma boneca para cada um de nós e, como ela tinha uma máquina de costurar, ela fez até as roupinhas para nossas bonecas. Duas mudas para cada filho de vocês, dizia ela. E todas as bonecas tinham nome, a minha era a Luísa. Dormia e acordava com aquele projeto de filho nos braços; só não levava para a escola. Eu a deixava com uma roupa trocada e deitava-a na minha cama para que me aguardasse até eu chegar em casa.

Também lembro de ver qualquer coreografia de dança pela televisão e, em seguida, tentar sempre reproduzir à frente dela. Lembro de brincar de fazer shows, eu era o cantor que dançava. Então eu montava uma espécie de palco escorado com quatro tijolos e em cima uma tábua velha para subir e dar *close*. A vassoura era sempre ou o pedestal ou a guitarra.

Essa criança, do seu modo, era feliz e realizada em casa porque brincava com suas irmãs e primas do jeito que queria; na escola já não era assim, pois devido ao seu jeito afeminado sempre foi motivo de deboche entre os colegas. Não só dos colegas de sala de aula eu era objeto de chacota, mas também dos vizinhos. Se eu fosse ao armazém buscar algo, eu era o alvo de deboche das outras crianças iguais a mim na idade. Músicas eram cantadas em deboche ao meu jeito, adjetivos dos mais variados que fossem “sinônimos” de gay me atribuíam, como por exemplo, viado, bichinha, putão. Me davam esses nomes sem nem eu mesmo saber o que significavam essas nomenclaturas.

Dessa forma, aquele Carlos que iniciou o seu processo escolar começou a se enclausurar dentro de si, de modo que fui aos poucos, até sem perceber, me pondo cada vez mais em posições que eu não aparecesse muito. Aliás, houve um período desse processo escolar que eu simplesmente tinha um pavor terrível de ir à escola,

porque meu medo era ser visto, ser colocado em evidência para servir de deboche na escola, para os colegas. Com isso, então, eu tentava burlar as regras de casa para faltar às aulas.

Lembro de ter muito pavor no quinto ano (que naquela época chamávamos de quinta série) porque havia um colega que sempre que podia ia até a minha mesa me bater ou rir dos meus cadernos enfeitados. Normalmente fazia isso nos momentos em que a professora saía um pouco da sala, então ele corria até mim e me olhava nos olhos como se fosse me beijar, depois, rapidamente, se afastava dando gargalhadas dizendo para a turma toda que eu era a bichinha da sala que beijava meninos. Assim, ele pegava meu caderno, que era colorido, e levava para cada um olhar e atestar que eu era mesmo a bichinha ou o viadão da turma, e, assim, todos caíam nas gargalhadas. Eu via com muita raiva todas aquelas bocas abertas faltando alguns dentes, mas não falava nada... apenas meus olhos enchiam-se de lágrimas porque, de certa forma, aquilo me afetava.

Lembro-me muito bem de um dia ter inventado um desmaio na hora de ir para a escola. Eu havia aprendido o horário exato que tocava o sinal da escola, então quando faltavam dois minutos para o horário eu simplesmente caí propositalmente. Deixei meu corpo despencar como fruto maduro quando cai da sua árvore. Claro que estava fingindo para fugir das aulas que me aterrorizavam e, em seguida, fingia dores de barriga. Minha avó e minha mãe acreditaram por uma semana praticamente, era uma semana que eu me vi livre daquele projeto de adulto desumano e preconceituoso, era uma semana que, mesmo inconscientemente, orava agradecendo aos céus que estava descansado em casa com minha boneca Luísa, pois sabia que aquele ambiente escolar não estava saudável para mim. Entretanto, como não consegui dar continuidade em toda essa encenação por muito tempo e não tinha o talento de me fazer doente por 24h, acabou que minha avó e minha mãe quiseram me levar para o hospital para tomar alguma medicação. Aquilo me assustou muito, pois a injeção era um meteoro caindo na Terra para mim. Eu morria de medo de ser picado. Assim, tive de voltar à escola e rever aqueles malditos colegas que me aprisionavam em mim. Ir para a escola em um determinado período era uma tortura.

Eu fui aos poucos buscando um abrigo imaginário para me defender dos ataques gratuitos dos colegas de aula e vizinhos da minha rua, e esse abrigo era eu

mesmo. Fui aos poucos me pondo em silêncio. Sentava na frente da mesa da professora para me proteger.

Assim foi meu ensino fundamental todo, durante o qual a minha sexualidade, o meu modo de agir, ser e existir sempre foram colocados em vista para que todos pudessem rir, e pasmem! Não lembro de ter tido na escola discussões e debates sobre assuntos de gêneros e sexualidades para que, pelo menos, despertassem compaixão e empatia naqueles que praticavam atitudes preconceituosas contra mim.

Creio que devido a toda essa exposição do Carlos afeminado e essa ausência de assuntos tão importantes e significativos para serem abordados em sala de aula é que a imensa vontade de ser professor foi sendo colocada de lado; aliás, o Carlos enquanto um estudante dedicado foi aos poucos sendo colocado de lado também. Eu não tinha mais paixão pelos livros, pela escola e muito menos pela profissão docente. Queria mesmo era me formar logo para acabar com essa tortura chamada escola; assim, eu fui sendo o abrigo do Carlos gay e do Carlos professor.

O curioso é que a dança não deixei, pois nela me sentia livre, leve e solto. Enquanto mexia meu corpo no ritmo de alguma música parecia que aquele Carlos renascia das cinzas. Sentia meu corpo todo feliz toda vez que dançava. Adorava sobre todas as coisas deste mundo me movimentar ao som de uma música, pois ali era eu. Ali meu corpo não parava, eu me movia. Porém, eu não tinha informação e conhecimento sobre gêneros e sexualidades para compreender o porquê disso tudo, o porquê que a arte do dançar era para mim um refúgio, um espaço em que eu era eu mesmo sem saber o real motivo pelo qual necessitava desses momentos comigo mesmo, era algo que valia pelo infinito, pois quando dançava aparentava ter ar de criança quando recebe doce.

Essa ausência sobre assuntos *queer* foi aos poucos me moldando num Carlos que todos exigiam de mim (mesmo que inconscientemente), ou seja, justamente por ter tido uma educação, tanto familiar quanto escolar e cultural, em que a predominância do heterossexismo era tida como a verdadeira e única, fui criando um novo Carlos. Eu sinto isso. Consigo voltar às minhas experiências e vivências passadas e posso afirmar que mesmo sem saber dessa cultura da dominação na qual vivemos, mesmo que não deixasse de dançar durante todo o tempo de minha adolescência, eu busquei um modo de me comportar para guardar minha essência e criar uma defesa.

Desse modo, me envolvia com minhas colegas de escola, beijávamo-nos na boca, abraçávamo-nos, escrevíamos cartas uns para os outros. Isso se dava também na minha adolescência no ensino médio, por exemplo. Lembro-me de namorar uma vizinha minha, que tinha a mesma idade que eu, dezesseis anos, porém, eu era perdidamente apaixonado pelo irmão dela que, por sua vez, amava minha prima. Em outras palavras, por mais que eu me envolvesse amorosamente com mulheres, eu sentia atração mesmo por homens. O fato de ficar aos olhos da sociedade com mulheres foi me deixando infeliz e uma pessoa não realizada efetivamente, porque depois dos meus dezoito anos me relacionei seriamente duas vezes com mulheres e tenho certeza de que eu não estava sendo um homem feliz e realizado pessoalmente, algo me afetava e eu não conseguia me doar cem por cento aos compromissos de um relacionamento heterossexual monogâmico. Tanto que tivemos inúmeras separações que se davam pela repulsa ao matrimônio sem saber o motivo de fato. Hoje, sinto uma profunda dor por ter me relacionado com essas mulheres e não as ter deixado viver felizes e realizadas em seus sonhos e desejos matrimoniais; porém, sei que sou um sujeito levado por essa enxurrada de afirmações sobre essa heterossexualidade compulsória na sociedade. Eu fui culturalmente ensinado a ficar com mulheres.

E, por ter sido ensinado a me envolver com mulheres, quando me envolvia com homens às escondidas, eu era atravessado por pensamentos de que meus desejos mais íntimos eram errados, pois lembro de muitas vezes ter tido relações sexuais com homens e sempre após o sexo me punia mentalmente. Eu sentia um nojo daquilo tudo que eu tinha feito, eu chorava quieto me questionando o porquê de estar ali nu ao lado de outro homem. Ainda assim, era uma vontade tão grande e tão legítima o desejo pelo mesmo sexo que eu ficava, sempre que podia, às escondidas com homens.

Entretanto, nunca me questioneei sobre minha sexualidade, aliás, estava quase certo de que ser homossexual era um desvio da norma. Eu nunca cometi atos homofóbicos, mas creio ter sido um grande homofóbico comigo mesmo, porque eu anulava o Carlos gay. Lembro de na fase inicial adulta estar sempre me autoafirmando enquanto hétero, sempre que podia eu falava em mulheres para que todos que estivessem me ouvindo acreditassem de fato que eu gostava delas. Apenas falava, porque na verdade meus olhares eram sempre atraídos por homens, tanto que existiam espaços largos entre uma namorada e outra em minha vida, ou

seja, essas lacunas (digo dois, três, quatro anos sem namorar) em que eu não me envolvia com mulheres faziam com que as pessoas tivessem o direito de me cobrar um relacionamento heterossexual. Sentia-me pressionado por todos para aparecer com namorada, esposa, através de perguntas sobre quando ia apresentar uma companheira, um relacionamento sério. Hoje tenho certeza de que fui internalizando como um mantra essas perguntas e essas exigências e fui me moldando numa outra pessoa.

Sentia-me péssimo com todas essas exigências sobre meu corpo e meus gostos. Mas repito: o único momento em que eu era completamente feliz e realizado nessa fase da minha vida era quando eu montava qualquer coreografia e ia me apresentar na festa da comunidade onde eu morava e nas festas da escola. Mesmo sabendo que depois podia sofrer homofobia por parte dos meus colegas e vizinhos, eu não ligava, porque meu amor pela dança era de fato maior que qualquer tristeza que pudesse ter ao escutar os berros aos meus ouvidos e sentir as gotículas de salivas diante do meu rosto.

Aos vinte e dois anos de idade, minha irmã e eu começamos a ter aulas numa escola de dança. Nosso sonho de aprender todas as técnicas da Dança estava se realizando. Começamos como alunos e, em seguida, passamos para monitores. Não demorou muito para que começássemos como professores de Dança de Salão. Aquela escola, aquele ambiente e, sobretudo, aqueles professores foram como uns anjos para mim porque neles e naquele ambiente pude reacender aquela vontade imensa de estudar e tornar-me um professor de fato. Somos seres sociais, precisamos um do outro para nos constituir, e por influência deles e delas pude me constituir enquanto estudante universitário, porque voltei a estudar para terminar meu Ensino Médio. Depois me matriculei num cursinho pré-vestibular para me preparar para o ENEM e o vestibular da UFRGS.

Até que, aos vinte e quatro anos de idade, assumo um relacionamento hétero e, ao mesmo tempo, sou aprovado no vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Esse certo desconforto sobre viver uma vida que impuseram sobre mim estava prestes a ser questionado de forma consciente, pois ao entrar na Universidade fui tendo contato com pessoas abertamente *queer* e com assuntos *queer* também. Aos poucos, à medida que o tempo ia passando, o desejo desenfreado por me libertar estava cada vez mais aguçado, sobretudo quando havia disciplinas de literaturas em

que as obras discutidas eram ou possibilitavam discussões sobre gêneros e sexualidades. Aquilo me aguçava de uma forma tão significativa que meu corpo estremecia como se realmente estivéssemos falando sobre mim, era como um tambor de casas de tradições africanas que firme e insistentemente grita para chamar as entidades.

Então, me matriculei na disciplina de Literatura Portuguesa III com a professora Joana. Nessa disciplina tive contato já no primeiro mês com as obras de Mario de Sá Carneiro. Lembro-me muito bem de que a professora fazia rodas de leituras dos poemas propostos na grade, líamos verso por verso para então discutir em conjunto e, assim, irmos construindo os efeitos de sentidos coletivamente. Lembro de certa vez lermos o poema *Quase*, e ali já comecei a sentir algumas inquietações sobre tudo aquilo que falávamos fazendo relação aos meus sentimentos mais profundos.

Num ímpeto difuso de quebranto,  
Tudo encetei e nada possuí...  
Hoje, de mim, só resta o desencanto  
Das coisas que beijei mas não vivi...  
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 14)

As aulas eram sobre poetas do século XIX e XX em Portugal. Iniciamos com Mario de Sá Carneiro. Era uma turma com uns onze alunos, em 2017/1. Ocorria nas segundas e quartas-feiras, das 10h30min ao meio dia. Lembro de quando começamos a conjecturar juntos sobre a possibilidade de Sá Carneiro ter se matado por não ter aguentado a opressão massiva daquela época sobre sua sexualidade e sua suposta paixão pelo poeta Fernando Pessoa.

Sendo assim, isso tudo que conversávamos sobre a poesia e o que líamos, verso por verso, era como se Mario de Sá Carneiro estivesse escrito um sentimento meu, era como se aqueles poemas fossem feitos para mim, para que eu me descobrisse como um sujeito homossexual na sociedade. Assim foi, por exemplo, em uma aula em especial com o poema *Dispersão*

Perdi-me dentro de mim  
Porque eu era labirinto  
E hoje, quando me sinto  
É com saudades de mim.  
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 10)

Esse trecho do poema de Mário de Sá Carneiro me arrepiava até hoje. Consigo nitidamente transportar minha memória para aquele fatídico momento que eu

começo a olhar para mim e inicio uma jornada que, sem saber conscientemente para que lugar eu iria, mudaria minha vida, transformaria todo meu modo de agir, ser e de existir. Existir como alguém tomado pela sua consciência que começa a refletir sobre si mesmo; existir não mais como objeto, como alguém que é rotulado e definido por outros alguéns, mas sim, existir como sujeito histórico e consciente naquele e em qualquer outro espaço que meu corpo estivesse ocupando. Esse trecho do poema *Dispersão*, ao lê-lo, me arrepia, pois foi a partir do contato com ele, há uns anos, nas rodas de conversas das minhas aulas de Literatura Portuguesa, que pude sentir um gosto doce que até então era insípido para mim. Gosto esse que é definido por uma infelicidade existente em mim, mas não sabida por mim a sua causa, razão e motivo.

Como havia dito, não lembro em nenhum momento da minha vida, na infância e adolescência, até mesmo durante o meu processo de escolarização da educação básica, ter ouvido falar em gêneros e sexualidades. Não recorro ter contato visual, nas inúmeras imagens que passavam diante dos meus olhos pela televisão, com alguma figura de quem eu pudesse me sentir par, que me fizesse sentir representado. Não me vem à memória nenhum alguém me tocando nos ombros e me olhando nos olhos e me dizendo o que eu era. Assim, devido à política do silenciamento, fui aos poucos criando uma defesa em mim e fui aos poucos me escondendo de mim mesmo... só que dentro de mim.

O silêncio, que para tantos outros era timidez, foi o meu companheiro por muito tempo. O silêncio era o modo que eu tinha para defender meu corpo e meus ouvidos às chacotas e possíveis agressões sobre meu modo de ser e de agir no mundo, o modo como eu coloria o mundo... inclusive meu caderno.

Esse enclausuramento dentro de mim mesmo fez com que eu me atrapalhasse e me perdesse; mas me perdesse em mim. Eu era o aconchego daquele Carlos afeminado e que apenas queria viver, brincar, sorrir e colorir seu caderno do jeito que quisesse; que pudesse brincar do jeito que o fizesse feliz; que pudesse chorar sem o medo de ser escutado e de ter que explicar o motivo, sendo que o motivo era simplesmente por gostar de um menino. Apenas enquanto dançava, seja em casa, seja na escola, seja em qualquer lugar, eu era essencialmente eu em todo meu modo de ser, agir e existir. O ato de dançar para mim tinha todo seu frescor, gracejo e um sabor de frutos naturais misturado aos mistérios e encantos de confissões ingênuas. Ainda assim, aos poucos, fui

inconscientemente criando muralhas altíssimas para controlar esse Carlos que, aos vinte e quatro anos de idade, ao encontrar um poema, começa a dar pontapés nessa mesma muralha altíssima fazendo com que rachaduras aparecessem e ela pudesse a qualquer momento ser derrubada com imensa e intensa vontade para que aquele Carlos, afeminado e enclausurado dentro de si, pudesse ser visto e escutado, que pudesse amar e admirar um menino sem ser julgado, que pudesse ser uma criança que gritasse “*fininho*” sem ser chamado a atenção para que gritasse “*grosso*”.

Entretanto, hoje, talvez afirmasse para mim mesmo que aquele silêncio e aprisionamento em mim como forma de proteção não fosse semelhante a uma muralha. Porque encerrado em um lugar qualquer rodeado de altos muros, talvez desse para imaginar que a liberdade estaria atrás desses mesmos muros, que bastaria quebrá-los, pulá-los para ocupar o espaço que todos os outros que gozam de privilégios sociais por suas sexualidades ocupam. Não, não eram muralhas!

Eram labirintos. Eu me sentia preso em mim num labirinto que existia em mim, eu não sabia o caminho certo para percorrer para então encontrar a saída; eu sequer sabia se atrás das paredes à minha volta havia a tal liberdade, ou era outro corredor desse mesmo maldito labirinto; eu não sabia da extensão desse embaraço. Mas, a partir das leituras e do contato com as escritas de Mário de Sá Carneiro, pude ter certeza de que eu estava num labirinto... dentro de mim! Eu estava perdido em mim mesmo num labirinto sem saber o que eu era e para onde eu queria ir enquanto sujeito. Por isso digo que contar algo é recorrer às memórias para preencher as lacunas; lacunas essas que eram vazias e profundas em mim. Assim, a cada momento que eu participava das discussões sobre o poema e essas discussões progrediam em assuntos que possibilitavam a ideia de que o autor pudesse ser uma pessoa *queer*, eu aos poucos fui entendendo e compreendendo a minha existência; fui aos poucos me dando conta de que através do contato com a leitura compartilhada e discutida, eu tinha uma vida emparedada. Através das rodas de leituras pude aos poucos perceber o quanto a minha identidade foi renegada por esse sistema miserável e feio que insistentemente silencia as pessoas *queers*.

Aos poucos, fui compreendendo que minha alma era preciosa e precisava urgentemente ser cuidada como quem cuida de um enfermo. Eu existia. Eu existia e era carne. Eu existia e era carne e osso. Eu existia e era carne e osso e coração e era alguém que num *insight* se entendeu como um sujeito que, embora estivesse perdido sobre sua identidade, tinha noção consciente dessa perda, e mais: era um

sujeito perdido, mas com vastas memórias. Memórias da infância e adolescência daquele Carlos que acorrentei e levei para mais longe de mim... só que dentro de mim. Sem perceber e inconscientemente fui ensinado a esconder minha verdadeira identidade e a minha sexualidade dentro de mim mesmo, e quando eu me sentia doído da alma, no desespero para alcançar a felicidade plena, inúmeras vezes percorria em mim a razão dessa dor, mas me perdia em mim mesmo porque eu me sentia terrivelmente perdido. Sentia-me terrivelmente num labirinto.

Havia em mim, na minha alma, uma indignação muda e triste. Minha sorte era que podia recorrer ao meu refúgio, ia à escola de Dança para esquecer dessa ideia fixa, obstinada e mortificante da vida cruel que levava por causa da minha sexualidade. Ir à escola de Dança, para a minha existência, era como se estivesse sendo abraçado em braços grandes, quentes e fortes.

Contudo, foi no contato com os poemas de Mário de Sá Carneiro que me dei conta da minha sexualidade e de que tudo que eu estava vivendo até aquele momento eram puramente aparências. Eram acontecimentos, vivências e experiências que eu executava porque simplesmente a estrutura social me exigia; sem ao menos perguntar para mim mesmo se eu realmente queria viver sob os comandos de outros *alguéns*. Eu fui me moldando para construir um outro eu que não era eu, mas era um outro sujeito criado para satisfazer a sociedade. Fui aos poucos me emparedando.

Como se chora um amante,  
Assim me choro a mim mesmo:  
Eu fui amante inconstante  
Que se traiu a si mesmo.  
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 10)

O choro era outro parceiro meu naqueles momentos que me dava conta do imenso trabalho que havia de ter para tentar satisfazer os desejos daqueles que exigiam outra postura de mim. Quando eu sabia da minha incapacidade de criar um outro eu, que fosse visível e pudesse ser apreciado pelos outros, caía num ato de desespero numa espécie de crises agudas em que o único desejo para interromper essa ânsia era apenas voar para dentro de mim mesmo porque era assim que fazia quando me sentia ameaçado, ou dançar. Recordo de inúmeras vezes pedir aos céus para que me escutassem e me dessem uma luz para que eu pudesse agir de uma forma diferente. Lembro inúmeras vezes de me imaginar um sujeito fisicamente

forte, másculo e bonito para ser desejado e respeitado por todos. Ocorre-me inúmeras vezes de me sentir um indivíduo insignificante diante de outros pares. Sempre. Sempre que eu chorava comigo mesmo trancado no meu pequeno quarto e deitado na minha cama, eu chorava sobre mim, eu chorava sobre o meu corpo, esse corpo que hoje entendo ter sido um corpo inocente, a minha culpa (culpa?), dor, perda, impotência e abandono, eu estava ali naquela cama jogado como se tivesse cometido os piores dos pecados e agora devesse pagar por eles. Eu estava ali sem saber de fato o porquê daquilo tudo, apenas tentando entender qual o motivo de não ter conseguido demonstrar para todos e todas um outro eu: másculo e viril.

E ainda que meu corpo estivesse naquele mesmo cenário inúmeras vezes ignorante para se defender, mas disponível para mexer, tocar, chutar ou até mesmo cuspir por outras crianças ou adolescentes iguais a mim, com os mesmos desejos e gostos, eu fui atrás do Carlos perfeito para a sociedade. Eu desejava intensamente ser outro. Não queria ser eu. Ser eu para mim era errado. Desejar o que eu desejava era pecado. Questionar meus sentimentos e desejos a outros homens era algo constante que eu fazia. Eu me questionava o motivo sincero de estar ali de corpo presente, nu, diante de outro homem sendo que o certo seria estar com uma mulher. Era assim que fui ensinado: desejar mulheres, não homens. Só que eu desejava homens, não mulheres. E esse Carlos sujo perante Deus e diante da sociedade começou a ser rejeitado por mim mesmo. Por isso, iniciei numa academia de musculação para alcançar um objetivo de ser aquele homem másculo e, então, comecei a namorar meninas e desejá-las, até que me casei com uma, e, assim, fui aos poucos encarnando uma personagem que me cobrisse e escondesse quem eu realmente era. Eu achava que me amava, eu jurava; na verdade eu traí a mim mesmo.

Traí-me por anos. Não fui leal e fiel a mim durante vinte e quatro anos. Vinte e quatro anos vivendo sobre vigias como se fosse um prego que nas inúmeras marteladas sobre sua “cabeça” vai fazendo um furo, um buraco para se esconder e ali ficar até que alguém o tire dali.

Quero deixar evidente que por mais que a Dança fosse esse lugar quente e aconchegante para mim, hoje entendo que realmente a Dança era um refúgio, um espaço que eu recorria para existir (mesmo que fosse para mim mesmo). Ela não me despertou para minha sexualidade, para que eu me desse conta de que eu não era quem eu aparentava ser (ou eu mesmo era muito ingênuo para não

compreender tudo o que estava ao meu redor). Enfim, eu me prendia em mim e, mesmo em contato com a Dança; fora dela, não estava bem.

Por isso, tendo contato com os poemas de Mário de Sá Carneiro pude perceber que eu traía meu corpo e minha alma, pude entender que eu não era aquilo que eu estava sendo até então sem nem mesmo saber o que de fato eu era, pude compreender que deveria procurar ajuda a partir dali para urgentemente libertar aquele Carlos que estava perdido em mim mesmo.

Através das diversas discussões sobre as leituras dos poemas de Mario de Sá Carneiro e todos os efeitos de sentidos produzidos até ali eu olhei para minha sexualidade para então questioná-la, ainda que não tivesse uma resposta acertada de imediato, eu tinha certeza de que o que eu estava sendo até aquele momento não era eu. E não sendo eu, estava também colocando outras mulheres nessa situação, pois eu me envolvia com elas, muitas vezes de forma séria, ao passo que afetos e sentimentos dos mais belos e elevados nutriam-se ali.

A importância das escritas desse autor português me fez descobrir a minha identidade, a minha sexualidade e me fez voltar para o meu eixo, me permitiu viver minha vida do meu jeito e do meu modo. A importância dos poemas discutidos em aula fez com que eu voltasse para mim mesmo e, com ajuda de uma terapia, libertei aquele Carlos que lá na infância aos poucos foi sendo silenciado e colocado trancado a sete chaves dentro de mim mesmo.

Foi a partir do contato com os poemas de Mario de Sá Carneiro que pude entender que eu não era o único desse mundo que se sentia aprisionado em si mesmo, que minha história era muito semelhante a muitas outras pessoas que viveram, vivem e, infelizmente, passarão futuramente por esse sentimento de perda de si para si. Percebi e aos poucos compreendi que na verdade esse não era e nunca foi um problema meu, que eu devesse resolver. Nunca!

Esse é um problema das pessoas que se preocupam muito mais em saber com quem me deito na cama ao invés de se preocuparem com suas próprias vidas. Hoje, por vezes, lamento por não ter tido um comportamento à altura daqueles que jogaram palavras ofensivas a mim gratuitamente, pois lembro de, em alguns momentos de choro, desejar que esses indivíduos que se endereçaram a mim tivessem a morte como castigo. Hoje, lamento por não ter me apropriado daqueles adjetivos dados à minha existência para então dar segurança a ela como estratégia de resistência e, assim, talvez, criar oportunidades discursivas, por exemplo, para

recusar essa posição que eu violentamente fui colocado, a de objeto; e assim assumir a posição de sujeito da minha história de vida e dizer, sim, sou gay. Sim, sou viado. Sim, sou puto. Sim, sou o que você chama de desvio com muito orgulho.

Mário de Sá Carneiro fez com que eu me conhecesse e pudesse ir atrás de quem eu realmente era para ser feliz. Deu a mim uma luz para que eu pudesse segui-la e ao sair desse túnel escuro e sem orientação nenhuma pudesse buscar ajuda para encontrar a essência daquele Carlos sonhador que apenas queria viver e sorrir e amar desmedidamente.

Então, certo dia, após uma aula, eu caminhava pelo Campus do Vale refletindo sobre tudo isso: as leituras e fazendo conexão com o modo como eu me sentia. Foi aí que pude entender a minha essência, pude perceber quem eu realmente era. E as coisas num *insight* rapidamente se conectaram, trazendo uma resposta para mim que simplesmente me deixou assustado. As coisas se encaixaram de uma forma tão seca e rápida como um cimento que é jogado de forma bruta na parede e lá toda sua forma fica sem cair absolutamente nada no chão. Aquilo me paralisou! Naquele momento, deixei meu corpo em pé estático no pátio da faculdade. Parecia que todos entendiam o que eu acabava de compreender sobre mim e me olhavam. Para mim, era um silêncio vazio e obscuro naquele pátio da Universidade. Meus olhares e pensamentos voltaram para mim mesmo naquele instante me deixando perplexo, pois pude ver à minha frente a imagem do meu passado e toda a minha história, e parado através de vários *flashbacks* que tive da minha infância e adolescência em que, por exemplo, olhava mais para um menino do que menina, ou o fato de que gostava mais de estar entre as meninas do que entre os meninos, meus cadernos enfeitados, minha boneca, meus gostos, meus jeitos, minhas preferências, fui conectando os fatos. Deixei-me estar ali alguns instantes fazendo gestos de incredulidade. Fui me dando conta, minuto a minuto, segundo a segundo, de que eu não era essa pessoa que todos exigiam de mim. E mais: de que eu não precisava, nem deveria, fazer coisas que não me agradassem e não me traziam felicidade absoluta.

Eu sou gay! Disse eu para mim.

Senti naquele exato momento todo o meu corpo estremecer parado, meu coração batia freneticamente e, assim, fechei meus olhos por escassos segundos e, ao abrir, de fato, eu estava ali sentindo tudo aquilo. Tive ímpetos de chorar, mas não conseguia. Tive vontade de correr, mesmo sem saber para onde, mas não corri. Tive

ímpeto de vociferar todos os meus sentimentos ali no pátio da faculdade mesmo, mas não o fiz. Assim, toda essa revelação me trouxe angústia e um certo desespero por não entender muito bem tudo pelo que eu estava passando. Por não entender o porquê então me relacionei seriamente com uma mulher, porque, naquele exato momento, eu vivia uma vida de um homem hétero casado. Pensava o porquê de ter tido esse relacionamento já que era gay. Refletia sobre a revelação para ela e toda minha família, se aceitariam ou não, o que fariam comigo, como reagiriam, para onde eu iria e com isso, lembro de ter sentado no banco mais próximo e ter ficado ali. Estático, literalmente, pensando sobre minha vida a partir dali e meus próximos passos. Eu sou gay. Eu sou homossexual. Essas eram as únicas frases então que permeavam minha mente depois dessa enxurrada de questionamentos. Lembro-me muito bem de que nos primeiros dias preferi entender tudo o que estava acontecendo comigo. Lembro-me também de que conforme as aulas iam passando mais, para mim, a semelhança ia tomando forma entre mim e os textos de Mario de Sá Carneiro; porém, tive a impressão de que, quanto mais compreensível queria que esse processo se tornasse, mais complexo para mim ele ficava, pois eu não conseguia me entender efetivamente enquanto um homem gay (uma espécie de não aceitação). Eu estava muito confuso. Porém, eu havia de desmontar toda aquela capa do Carlos com suas falsas certezas e convicções para que então o Carlos aprisionado pudesse aparecer logo.

Meu então relacionamento tinha chegado ao seu fim e muito perdido que eu me encontrava resolvi procurar ajuda de um profissional, fiz terapia com uma psicóloga por onze meses. Onze meses me conhecendo e permitindo que meu corpo fosse feliz do jeito que sempre quis ser. Foram onze meses que tive para me compreender enquanto um homem gay, pois eu não precisava me culpar quando tivesse relações sexuais com outro homem. Foi um processo muito difícil e doloroso. Fiz terapia por onze meses que me ajudou muito nesse autoconhecimento sobre esse Carlos. Identificar e me nomear como um homem gay foi algo que demorou muito tempo para acontecer. O medo de não ser aceito pelos outros foi aos poucos sendo colocado de lado porque o que realmente interessava era o meu bem-estar. Minha família não é culpada dessa situação toda, nem a culpa porque nem minha mãe, nem minha avó, tiveram discussões sobre gêneros e sexualidades, elas nunca viveram essas experiências, assim como eu. Elas foram ensinadas que o certo era a heterossexualidade apenas. Embora nunca tivessem tido experiências dessas, até

mesmo porque fui o primeiro da família a me descobrir homossexual, elas se sensibilizaram demais comigo, pois me receberam de braços abertos literalmente quando contei sobre minha sexualidade. Sinto-me privilegiado em relação à aceitação da família, pois tanto a família paterna quanto a materna souberam me entender e me respeitar enquanto sujeito independentemente da sexualidade.

Por isso, por conta desse meu renascimento a partir da literatura, acredito que tudo isso que contei aqui possa ser uma espécie de fortaleza tanto para mim quanto para quem ler meu TCC, porque acredito, por experiência própria, que o ato da leitura forma e transforma o leitor. Acredito, enquanto um sujeito descoberto gay através do ato da leitura e escrita e enquanto estudante universitário do curso de Letras, que o papel da leitura seja a construção de si mesmo na elaboração da subjetividade, como também possibilitar a descoberta de um mundo interior, íntimo. Acredito que o ato da leitura de forma crítica nos possibilita sermos senhores dos nossos destinos, sermos sujeitos ativos das nossas próprias histórias. Por fim, encaro a leitura como um ato da reconquista da posição de sujeito autônomo da minha própria história enquanto leitor que sou, e por isso escolhi escrever este TCC e, assim, defender que as escolas tragam a literatura *queer* para que todos e todas possam ter contato com ela, que possam ler e escrever esses tipos de textos e, desse modo, tornar desde cedo as sexualidades *queer* presentes naqueles espaços escolares visíveis e respeitados por todos e todas e, assim, contribuir para que pessoas *queer* possam viver de forma digna suas vivências e experiências escolares.

### 3 DEFININDO O QUEER

Quero deixar registrado que as definições trazidas aqui são justamente para este trabalho, e não uma definição geral dos termos *queer* e literatura *queer*. São definições utilizadas exclusivamente para defender e, assim, justificar a urgência que se faz do uso dessas ferramentas em sala de aula.

Pois bem, para mim, a literatura *queer* é um campo de estudo que tratará de personagens *queer* como centrais na trama, sendo desenvolvidos ao longo do enredo com os aparecimentos de todos os dilemas individuais e coletivos da própria vida humana. Dessa forma, não importará aqui se o(a) autor(a) é ou não *queer*, pois o que será tratado é a obra literária em si. Assim, para a construção desta pesquisa, fez-se uso dos estudos e abordagens teóricas dos autores que serão trazidos ao longo deste trabalho, como também interpretações minhas a partir dessas mesmas leituras e a partir de minhas vivências e experiências como um sujeito homossexual.

Ser queer não é sobre um direito à privacidade; é sobre a liberdade de ser público, de simplesmente sermos quem somos. Significa enfrentar a opressão diariamente: homofobia, racismo, misoginia, a intolerância dos hipócritas religiosos e o nosso próprio desprezo. (Fomos cuidadosamente ensinadas a odiar a nós mesmas.) (MANIFESTO QUEER NATION, 2016, p. 3)

No tocante ao termo *queer*, por exemplo, não será uma tarefa fácil defini-lo, de modo que vai além de uma simples nomenclatura, um simples termo que nos traz um significado imediato justamente. Entretanto, compreendo como um movimento organizado de pessoas que compartilham o mesmo interesse de forma política e, assim, unem-se para promoverem suas ideias, causas e objetivos por meio de ações e mobilizações coletivas.

Em *Cadernos da Diversidade, Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*, Richard Miskolci nos traz uma definição do que é *queer* logo no primeiro capítulo:

O que hoje chamamos de queer, em termos tanto políticos quanto teóricos, surgiu como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, possivelmente associado à contracultura e às demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais. (MISKOLCI, 2012, p. 21)

Segundo Miskolci, *queer* é muito mais que uma identidade, é político. Embora uma identidade possa ser também política, seja ela de gênero, raça ou de classe, ser *queer* é um movimento que abrange todas essas identidades na luta por

emancipação. É um movimento político que reivindica por direitos — por exemplo, o de desvincular a sexualidade da ideia de reprodução —, pois ressalta a importância do prazer e a ampliação das possibilidades relacionais. Ser *queer* é lutar arduamente para que futuras gerações *queer* possam viver suas vidas com dignidade, sendo livres para serem e fazerem o que quiserem de seus corpos e de suas vidas, desde que, claro, não seja um ato que machuque o outro. Isso implica também a percepção imediata da realidade e, dessa forma, se envolver em uma constante luta para que seus semelhantes, as bichas, as lésbicas, as trans, e toda a comunidade não só não precise, mas também não fique mais às margens como tantas e tantos ficaram e ficam excluídos de desfrutarem das necessidades básicas para uma vida digna. Por isso, ser *queer* é exibir a relevância significativa que desempenham para conseguirem se enunciar como sujeitos sócio-históricos que são, como indivíduos *queer* na vida, e assim terem o direito de gozar de forma plena dos direitos e vantagens que a sociedade reserva para alguns apenas. Isso tudo se torna um fazer *queer*, um mover *queer*, torna-se dessa forma um deslocar *queer*, pois é um deslocamento de determinadas situações que acontecem com determinados grupos sociais em espaços específicos para outros espaços em que não mais precisem passar por essas situações. Esses atos que percebemos parecem ser uma resistência proveniente da sociedade, do próprio Estado e de instituições consagradas, como a Igreja, que, infelizmente, ainda contribuem para a perpetuação de falácias preconceituosas e estigmas que mantêm esses mesmos sujeitos à margem da sociedade, transformando-os em sujeitos caricatos. Essa realidade apenas corrobora a importância de tornar o movimento *queer* uma questão política, inclusive em sala de aula.

Lembremos que nossos valores, nossas pautas de condutas, tudo o que fazemos e pensamos, querendo ou não, sempre medimos à luz de abordagens e propostas éticas heteronormativas, procedentes de âmbitos tão homofóbicos como a própria igreja, a religião, mesmo a escola, a política, os partidos, a cultura no geral, e todos os discursos que essas e outras instituições proclamam aos quatro ventos para impregnar as pessoas de forma massiva desde pequenas de que nós, homossexuais, somos nocivos à sociedade e, dessa forma, excluem-nos de fato como seres humanos, indivíduos possuidores de características, desejos, atitudes e de uma vida.

Por isso, *queer* é mais que uma identidade — e não pretende ser uma categoria identitária. *Queer* é, ao mesmo tempo, um lugar de crítica como algo teórico-acadêmico e também um movimento que visa desestabilizar o sistema da heteronormatividade que, por sua vez, é a ordem baseada no modelo heterossexual familiar e reprodutivo. O movimento *queer* é um gesto analítico, é o espaço de reflexão crítica, de articulação e de produção de conhecimentos. Em outras palavras, ser *queer* é também um ato de postura epistêmica. Por exemplo, os estudos *queer* são subversivos e antiassimilacionistas por definição; não almejam o direito ao casamento, à monogamia, nem mesmo ao reconhecimento pelo Estado — afinal, o Estado tem interesses biopolíticos. Ou seja, *queer* se faz, portanto, no deixar de viver nesse assistencialismo que o Estado dá como migalhas para os entreter por acreditarem que ações excessivas vindas por parte dele, além de criarem uma mentalidade assistencialista nos indivíduos, tornam os cidadãos menos autônomos e resilientes. Por exemplo, aqui no Brasil, há uma política que se torna cínica, a qual ao mesmo tempo que se faz uma nação brasileira em que a homofobia agora é crime, contraditoriamente, é um dos países que mais mata a comunidade LGBTQIAP+, onde se maquam, dessa forma, as atrocidades com os corpos *queers* com políticas para reduzir os maus-tratos, as ofensas gratuitas, os espancamentos, mas que uma vez denunciados criminalmente essas atitudes, vemos que muitas delas não vão a julgamento.

Por isso, a teoria *queer* questiona o poder que o próprio Estado tem sobre os sujeitos nas suas vidas privadas e públicas. Diferente dos estudos gays e lésbicos que buscam integração na sociedade civil e, sim, direito ao casamento, por muitos casais um casamento monogâmico, e serem reconhecidos pelo Estado e pela Nação, os estudos *queer*, por sua vez, questionam criticamente a monogamia e o casamento como contrato heteronormativo, assim como a família nuclear como modo de organização social, propondo outras formas de relacionamento interpessoal, como o poliamor, as comunidades e as fraternidades. Ou seja, por isso a importância de visualizarmos *queer* como movimento político, pois torna-se uma luta ao acesso à posição de sujeito que, dessa forma, de assujeitado passe para uma posição participante ativa na sociedade que o inclua e, assim, que possibilite se inscrever nessa comunidade na qual possa se constituir enquanto indivíduo-coletivo, que lhe dê vida, existência, mas livre desses comandos do sistema capitalista heteronormativo enquanto base controladora.

Sabemos, por experiência própria, que os direitos humanos são um instrumento político de opressão e uma contenção frente a reivindicações de bases muito mais radicais. Aprendemos que, quando vamos bem, é porque isso convém a alguém, que não somos nós e que tira algum proveito político de nos ter mais ou menos satisfeitas. (VIDARTE, 2019, p. 66)

Talvez muitos desses problemas socio-historico-políticos das lutas *queer* pudessem ter sido evitados se desde sempre juntos e juntas tivéssemos partido da suposição de que a homofobia está impregnada em todos os lugares e espaços, pois faz parte de uma constelação social repressiva e imbricada com opressões de todo o tipo, como repressão dos nossos corpos, das nossas existências, de modo como somos insistentemente levados nessa onda chamada controle social.

Em suma, em relação ao termo “queer” então, e seu(s) significado(s) e sua origem, o que me parece até mais compreensível quando partimos deste ponto para entender a coisa em si e por fim fazermos o movimento de reflexão, temos um conceito que carrega em seu sentido não só um amontoado de palavras sinônimas sendo trocadas a fim de que o leitor possa entender de um jeito menos rebuscado; mas sim, um efeito de sentido carregado de luta política, de um nascer do movimento político, resistência. E mais: apropriação daquilo que por muito tempo era usado para desmerecer esses grupos marginalizados pelo sistema em que vivemos. Anselmo Peres Alós, em *Traduzir o queer: uma opção viável*, nos diz o seguinte:

Antes de traduzir (ou de “não traduzir”) o queer, parece-me pertinente retomar um pouco do contexto do termo. Em inglês, queer possui uma carga semântica muito “pesada”, “espessa” e “opaca”. Na linguagem ordinária, queer (o adjetivo) carrega os sentidos de “bizarro”, “estranho”, “anormal”, “freak”, “não natural”, “não convencional”. Especula-se que o vocábulo tenha surgido no Baixo Alemão, queer (significando “oblíquo”, “perverso”), e teria migrado para o inglês por volta do século XVI. Como adjetivo, queer não era uma palavra cujo sentido estaria associado às sexualidades dissidentes. É apenas com a utilização na forma nominal, the queer, que o termo passa a ser utilizado como substantivo para designar, pejorativamente, os homossexuais — em um primeiro momento, homens homossexuais e, ao longo dos séculos XIX e XX, todo e qualquer sujeito de sexualidade “indesejável”. (ALÓS, 2020, p. 2)

Alós (2020) nos alerta desde já o quanto esses sujeitos tiveram de fazer inúmeras manobras para poderem, pelo menos, viver de uma forma um pouco mais justa e digna. Ou seja, tiveram de ressignificar um termo que por muitos anos é usado como chacota, insulto — isso dá a possibilidade, por exemplo, de que essas pessoas insultadas pudessem reagir e, assim, ressignificando o termo, o

reivindicassem politicamente como uma espécie de estratégia de resistência e subversão. Da mesma forma, uma vez ressignificado o termo, conseguiram criar oportunidade discursiva para recusar a posição de objeto nesse contexto e assumir o papel de sujeito que se reconhece interpelado pelo insulto e que se permite revidar. Obtêm, dessa maneira, o poder de tornar experiências negativas em aprendizados e desenvolverem a autoconfiança para seguir adiante e, assim, encontrar justamente nas adversidades e no coletivo forças para essa continuidade da vida. Alós (2020) afirma, ainda, que essa ressignificação do termo *queer* em forma de estratégia política, esse gesto, ao mesmo tempo que “desarma” o homofóbico e o heteronormativo, reabilita então o uso do termo em um contexto não ofensivo.

Assim sendo, entendemos então que ser *queer* é muito mais do que uma identidade; torna-se uma posição política, ética e estética frente aos mundos. Algo parecido ocorreu e, infelizmente, ainda ocorre no Brasil sobre essas nomenclaturas pejorativas referentes à comunidade LGBTQIA+, pois muitos e muitas de nós certamente já ouvimos expressões como “bichas”, “sapatão”, “gilete”, entre tantos outros termos que por muitos anos eram referidos a nós em forma de xingamentos e expulsão dos espaços que o agressor compartilhava conosco. Com isso, se apropriar desses termos e ressignificá-los apenas torna-se um movimento político quando é feito de forma coletiva, tornando-se então um movimento *queer* que, por sua vez, é sobre práticas políticas coletivas que só adquirem importância quando essa ressignificação da nomeação se torna um movimento e, portanto, uma nomeação política.

No que diz respeito à literatura *queer*, creio que há uma articulação entre essas narrativas teóricas acadêmicas e as textualidades fictícias na própria literatura. Em primeiro lugar, enxergo a literatura *queer* como um lugar também político que questiona os regimes heteronormativos do sexo e do gênero a partir das encenações escritas, pois essa experiência estética que a própria literatura traz no modo como diz o que quer dizer através da linguagem, no contexto educacional, por exemplo, permite que o sujeito leitor possa compreender a própria realidade ultrapassando o mero uso de esquemas conceituais abstratos sobre o próprio *queer*. Em segundo lugar, a literatura *queer* proporciona uma estratégia de resistência, através da tomada de consciência no ato da leitura, baseada tanto nos corpos quanto nos prazeres, como também nas políticas de representação e, assim,

possibilita a reinvenção das masculinidades e feminilidades. A literatura *queer*, entendo, nasce numa espécie de investigação, de uma perspectiva teórica *queer*, das sexualidades, dos gêneros, do sistema da heterossexualidade compulsória na qual vivemos, a partir das subjetividades individuais e coletivas. Além disso, o leitor ou a leitora sentem-se representados ou representadas enquanto grupo também nessa parte que é a arte da escrita. Nesses sentidos, creio que a literatura possa reescrever tanto o corpo sexual quanto o corpo social, nacional, com vistas a corroborar o que a própria teoria *queer* defende. Isso também servirá para evidenciar as contradições e impasses em relação à raça, ao gênero e à sexualidade na própria literatura *queer*.

Em relação a investigar as possíveis subjetividades de leitores da literatura *queer* e as relações imbricadas que há no encontro do leitor(a) com o texto, Alós revela que:

Minhas leituras são comprometidas politicamente do mesmo modo que todas as minhas atitudes são, em maior ou menor grau, politicamente comprometidas. É-me impossível desvincular meu trabalho intelectual das experiências de segregação e homofobia que me vitimaram durante a adolescência, condenando a expressão do meu desejo e da minha orientação sexual. Tampouco é possível desatrear minhas reflexões sobre literatura e teoria da minha própria condição de intelectual latino-americano, herdeiro de memórias da violência dos regimes ditatoriais, os quais ameaçavam com a dor e a tortura os corpos insubordinados. (ALÓS, 2010, p. 840)

Ou seja, Alós nos diz sobre os efeitos de sentido que emergem nele a partir das leituras que faz, como também o compromisso político que ele revela ter a partir desse atravessamento que as leituras fazem em sua biografia. Em outras palavras, a partir de suas vivências e experiências, no contato com as leituras, nascem sentidos e compromissos políticos os quais nos mostram as suas crenças, valores e sua subjetividade. Assim, a literatura *queer* está para também nos revelar essas subjetividades para que então elas possam ser refletidas em relação às sexualidades, aos gêneros, aos corpos enquanto sujeitos coletivos históricos que são. Assim sendo, temos uma citação do próprio autor mencionado aqui sobre a poética *queer* em consonância ao que escrevo:

Os fundamentos de uma poética *queer*, nesse sentido, não estão apenas a serviço de uma descrição das narrativas; eles também possibilitam uma acurada análise de como o texto reflete, subverte e questiona a realidade do mundo social no qual está inserido. (ALÓS, 2010, p. 843)

Em suma, a literatura *queer* não é apenas explicação das psicologias das personagens para que, então, pensemos nos sujeitos reais; nem fruto de uma inspiração misteriosa. Ela pode ser vista também como formas diversas de enxergar o mundo, os sujeitos como um todo, expondo a mentalidade social e, assim, levando-nos a perceber quais são as possíveis ideologias que têm relações com o texto que foi escrito num determinado tempo histórico para que, a partir dessa leitura precisa, nos dê a possibilidade de ampliação do nosso universo, incitando-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e, por fim, de organizá-lo politicamente. E mais: entendendo que muitos desses textos literários *queer* vêm carregados de experiências, vivências e dores da vida do próprio autor ou da própria autora enquanto um sujeito *queer* e que elas, juntas, se entrelaçam na própria trama, dessa forma, o próprio texto literário nos dá então as possibilidades de compreender todo o contexto no qual o próprio texto é feito, para a partir disso, compreendermos o nosso mundo atual e enxergarmos possíveis futuros melhores.

Portanto, uma vez que esses artefatos literários são compreendidos como artefato simbólico, como cita Alós (2010), e, por consequência, a literatura que, por sua vez, incluindo a literatura *queer*, pode ser vista como uma ferramenta pedagógica, pode-se afirmar então que as representações subversivas das sexualidades e dos gêneros na literatura não funcionam apenas como a negação de um contexto social heteronormativo. Mais do que isso, elas assumem uma espécie de caráter de questionamento e intervenção, já que trazem na narrativa o mundo, as vivências e experiências desses sujeitos organizados coletivamente, para que, assim, haja subsídios para construir novos sentidos de condutas humanas. Inclusive, essas personagens *queer* na literatura e, por consequência, suas histórias e sentimentos, ajudam na preservação de feridas futuras que possam dar como consequência o sofrer nos encontros com pessoas reais em situações reais, por exemplo. Ou seja, em vez de excluir essas vivências, essas personagens literárias, pelo contrário, essas representações, sobretudo em sala de aula, assumem o papel de orientação ao descobrir novos modos de mundos e de agir no mundo que se colocam em continuidade para que, desse modo, permitam melhor compreendê-las no ato da leitura e, assim, agir de forma coletiva e politicamente ativa.

A literatura *queer* é, ou deveria ser, vista com esse olhar, considerada uma importante ferramenta de resistência, compreensão e empoderamento para a comunidade LGBTQIA+, ao promover a visibilidade e o reconhecimento de suas

identidades e experiências, além de contribuir para a construção de uma sociedade plural e inclusiva também. Assim como ocorre no caso das literaturas feminina e negro-brasileira para seus respectivos grupos, a literatura *queer*, por sua vez, ao abranger diversos gêneros literários, como o romance, a poesia, o ensaio, o conto, a autobiografia, entre outros, também abre a possibilidade de refletirmos sobre a marcação pela subversão das normas e expectativas sociais através das diversas vozes e perspectivas que compõem o universo *queer*. Devido a tudo isso, torna-se fundamental a importância de trazermos o *queer*, enquanto movimento político, para esses espaços escolares, para que as e os educandos possam classificar os acontecimentos naquele lugar, que é a escola, referente às identidades, às sexualidades, ou mesmo aos atos lgbtfóbicos que possam ocorrer em sala de aula e, assim, enxergar possibilidades de solução. Referente a nomear algo, Cuti nos diz o seguinte.

Classificar, por si só, não é conhecer. Mas pode ser um momento preparatório para o conhecimento. Analisar o objeto nos traz alguns subsídios para não só aprendermos a pertinência dessa ou daquela classificação, mas também o que está por detrás delas, pois ninguém classifica sem lançar, naquilo que classifica, sua maneira peculiar de ver o mundo. (CUTI, 2010)

Ou seja, em primeiro lugar, classificar um tipo de literatura se faz importante porque traz em si propósitos diversos, pois pretender dar um destaque a um *corpus*, segundo Cuti, é realçar uma seleção. Cuti nos dirá também que ao abordarmos questões atinentes às relações interraciais, por exemplo, haverá diferentes vieses devido à subjetividade que sustenta a própria literatura e ao lugar socioideológico de onde ela é produzida (CUTI, 2010, p. 32). Assim também pode ser encarada a literatura *queer*, pois classificá-la e entendê-la a partir dessa nomeação, em sala de aula, nos dá a possibilidade de compreensão e reconhecimento entre texto e sujeito-leitor de forma mais efetiva, de modo que, ao termos um compromisso responsável com a leitura, estaremos mais suscetíveis a julgar a nós mesmos, a cultura e, assim, nossos mundos, nossa estrutura social. E em segundo lugar, classificar a literatura como *queer*, enquanto movimento político, tornaria mais compreensível darmos nomes aos nossos sentimentos e à nossa identidade e, dessa maneira, menos complicado de nos entendermos enquanto indivíduos *queer* na sociedade, além de nos proporcionar a capacidade de lidar com nossas

frustrações e desamores de maneira mais inteligente e, por conseguinte, encontrarmos maneiras construtivas e eficazes para lidar com essas sensações.

Compreendo, portanto, que a literatura *queer* deverá ter como foco aquela ficção que aborda questões relacionadas ao ser *queer* e que essas mesmas questões envolvam necessariamente personagens *queer* como os principais da trama. Diferentemente de romances do cânone em que encontramos personagens *queers*, ou que nos dão as possibilidades de pensarmos que são *queers* a partir das descrições dos próprios personagens na narrativa, mas que são sujeitos ou histórias de vidas secundárias nos romances. Em *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, por exemplo, temos Albino, Pombinha e Léonie, sobretudo Albino, há descrições iniciais dele que são a de “um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caia, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino” (AZEVEDO, 1981, p. 32), como também “era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como uma pessoa do mesmo sexo” (AZEVEDO, 1981, p. 32). Ou seja, as palavras nos diminutivos “cabelinho” e “pescocinho” conferem, de forma pejorativa, um grau de delicadeza ao personagem, de maneira a reforçar a possibilidade dele ser homossexual, o que confirma quando lemos “um sujeito afeminado”, tanto que se considerarmos o contexto sociohistórico no qual a narrativa foi produzida, o personagem possuía uma profissão que, normalmente, era exercida por mulheres, lavadeira. Além disso, há uma relação muito íntima entre Albino e as mulheres do cortiço, em relação aos outros homens, por exemplo, a qual sugere que ele era como uma mulher: “em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem; faziam-no até confidente de seus amores e das suas infidelidades” (AZEVEDO, 1981, p. 32). Isto é, por sugestão, essa confiança demasiada depositada em Albino pelas mulheres do cortiço ocorre porque a sua personalidade e o seu comportamento assemelham-se, portanto, aos das mulheres da narrativa. Desse modo, sem uma complexidade do personagem que ultrapasse apenas uma descrição caricata não haverá como discutir em sala de aula, por exemplo, o sistema heteronormativo e preconceituoso que vivemos e, assim, refletir em possibilidades de mudá-lo.

Assim, uma trama *queer*, ao ser retratada em uma literatura *queer*, deverá ser atravessada por todo o movimento político que foi discutido até aqui sobre o assunto e, assim, colocar em cheque todos os preconceitos que nos são ensinados, e

através de leituras e atividades orientadas que consigam desconstruir esse pensamento coletivo de viver nossas vidas a partir de um sistema heteronormativo, o qual pode e deve ser questionado a fim de que, enquanto leitores, possamos refletir a partir da ficção sobre todo esse sistema que pressiona de forma ostensiva e de todas as formas essas vidas.

#### 4 REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA *QUEER* EM SALA DE AULA

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1997, p. 24)*

Segundo Paulo Freire (1997, p. 24), para uma reflexão crítica sobre a prática docente em sala de aula, torna-se primordial que se estabeleça uma relação íntima entre teoria/prática, sendo que aquela sem essa fica blábláblá e essa sem aquela, puro ativismo — muitas vezes, um ativismo sem fundamento ou raso. A escola, no contexto de hoje, nesse processo da globalização, está mergulhada em um turbilhão de mudanças de natureza distinta, sendo muitas vezes eleita como a solucionadora dos problemas sociais e, por consequência, a própria escola esquece (ou é conduzida a esquecer) das obrigações éticas e estéticas da educação em benefício do mercado e de outras demandas do sistema capitalista competitivo. Dessa forma, torna-se muito complexo, em termos de sala de aula, fazer da teoria uma prática, e a partir da prática pensar em teorias de forma filosófica e comprometida efetivamente com o fazer docente. Ainda assim, creio ser extremamente importante, frente aos inúmeros problemas que estamos enfrentando, sejam políticos, sejam econômicos, sejam sociais, por exemplo, e que respingam na escola, pensarmos e trazermos essas discussões para a sala de aula e, a partir das teorias, pensarmos práticas solucionadoras que possam nos trazer possíveis mundos melhores. bell hooks, por sua vez, defende a ideia de que não poderá existir teoria que, uma vez sendo impossível discuti-la em uma conversa cotidiana, seja usada para educar um público. Em outras palavras, a escritora se refere aos termos e conceitos que se restringem apenas a pessoas letradas que frequentam universidades e lá ficam sem chegar de fato à massa, ao povo.

Existem tantos contextos neste país em que a palavra escrita tem um visual mínimo, onde pessoas que não sabem ler nem escrever não encontram utilidade para nenhuma teoria publicada, seja ela lúcida ou opaca. Por isso, nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público. (hooks, 2013, p. 90)

Ou seja, no tocante à literatura *queer* em sala de aula, por exemplo, pode ser uma grande oportunidade para debatermos assuntos fundamentais relacionados à discriminação, ao preconceito e à luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+, pois são assuntos que muitas vezes os próprios estudantes trazem para a sala de

aula, o que tornaria muito menos complexo de lidar com o tema, segundo bell hooks (2013), pois o assunto poderia ser discutido entre professores e estudantes mesmo em uma conversa comum – mas sempre de forma responsável e orientada. Muitas vezes também nem é algo verbalizado pelo aluno ou pela aluna, mas a linguagem corporal deles e delas faz, e deveria fazer, com que o(a) professor(a) consiga refletir sobre a urgência de colocar em pauta nas disciplinas assuntos sobre gêneros, sexualidades, classe, raça e pautas identitárias, sempre partindo da estrutura social vigente. Da mesma forma, se faz urgente a apropriação do termo político *queer* e que ele se torne então, pedagógico para que a escola possa assumir seu papel como instituição que constrói cidadãos conscientes e, assim, que as aulas atravessadas pelos textos literários possibilitem aos estudantes esse olhar cuidadoso e empático para si e para o outro ou a outra.

A leitura e a escrita, aliadas à análise das obras literárias *queer*, podem ajudar estudantes a desenvolverem a empatia e a compreensão dos pontos de vista de outras pessoas. Elas ajudam também, através do contato com esses diversos gêneros textuais sobre assuntos *queer*, a entendermos a importância do respeito e da tolerância à diversidade. Elas promovem igualmente o autoconhecimento, pois o ato da leitura e da escrita, sobretudo se for um ato de forma orientada criticamente, promove a formação de valores e o desenvolvimento socioemocional. Através de leituras de obras literárias *queer* e de textos informativos que tratam desse assunto, os e as estudantes podem ser expostos ou expostas a diferentes realidades e perspectivas, o que pode ajudá-los(as) a compreenderem o mundo em que vivem ao abrir possibilidades de agirem e, desse modo, resolverem seus problemas pessoais e coletivos, os quais necessitam da linguagem para tal solução. E mais: abre a possibilidade de refletirem e questionarem essa estrutura social heterossexista em que vivemos.

É evidente também que neste atual cenário em que nos encontramos, altamente globalizado, estamos em certa medida mergulhados em uma série de problemas sociais e políticos que nos afetam. Contudo, hoje, graças à luta árdua dos movimentos sociais, podemos falar mais abertamente em tópicos como gêneros e sexualidades, por exemplo, principalmente se pensarmos em uma escola pública, onde a liberdade do professor em levar alguns debates para a sala de aula torna-se mais flexível. Com isso, tendo em vista que essas identidades sempre existiram e existem diante dos olhos do(a) professor(a), é impossível fechar os olhos para esses

corpos que ali estão ocupando esse espaço escolar. Aliás, o(a) próprio(a) professor(a) tem o dever de respeitar e se atentar às identidades e histórias, à dignidade, à autonomia das e dos educandos e educandas que estão em processo de vir a ser e, assim, refletir sobre práticas e estratégias pedagógicas para que ninguém se sinta deslocado naquele fazer pedagógico. Ou seja, segundo bell hooks (2013), o professor deve participar do crescimento pessoal e intelectual do aluno e da aluna.

Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. (hooks, 2013, p. 25)

Sendo assim, percebe-se a importância de um diálogo horizontal entre professor(a) e aluno(a) e a importância da reflexão da prática a partir da teoria e, assim, da teoria a partir da prática de sala de aula. Essa mudança de postura se faz urgente. Dessa forma, o trabalho do professor deve essencialmente ser um trabalho feito com as e os alunos e alunas, como defende Paulo Freire, e não para as e os alunos e alunas. Assim, levar a literatura *queer* para a sala de aula e, dessa maneira, pensar em estratégias pedagógicas para abordar esse assunto pode levar o estudante a ressignificar questões, padrões, fatos históricos, pois embora a literatura não tenha um papel de trazer à tona fatos reais, ela nos permite refletir sobre possibilidades de resolver (ou não) determinados assuntos sociais, sobretudo porque também mexe com emoções. A literatura, igualmente, é um confronto entre dois sujeitos (autor e leitor) colocados em determinado tempo-histórico diferente um do outro, e é a partir desse confronto entre sujeitos, junto com a abordagem crítica em sala de aula, que o ato da leitura de um texto *queer*, por exemplo, se faz, se realiza, porque possibilita estruturar uma resposta ao próprio texto por meio de novas ações a partir de reflexões sobre esses assuntos num determinado tempo histórico. Isso tudo pode reforçar a ideia de leitura estética da literatura também, aqui tratando de literatura *queer*, como modelo específico de si, tanto do ponto de vista subjetivo quanto em relação ao pertencimento de um grupo, de uma cultura, de uma sociedade, de pertencimento a uma história cultural e nacional. Esse ato de confronto dá o direito à fruição que remete à apreciação estética, ao desenvolvimento da curiosidade intelectual e, sendo assim, do gosto pela

descoberta, pelo conhecimento, por meio dos quais é possível vivenciar múltiplas faces da vida humana.

A escola tem de reconhecer sua história e seu papel formador como instituição, onde havia (e infelizmente ainda há escolas que reproduzem esse comportamento) a falta de acesso aos direitos sociais e às garantias fundamentais que, por consequência, caracterizavam a “subcidadania” LGBTQIA+. E mais: a própria escola também acaba reproduzindo comportamentos que nos levam à culturalização da heterossexualidade compulsória. Por isso, deve haver esperanças para que possamos vivenciar uma educação literária mais inclusiva e consciente e, dessa maneira, proporcionar aos estudantes uma educação linguística e literária que saiba reconhecer a diferença não como uma hierarquização e sujeição desses indivíduos e negação desses mesmos corpos, mas como princípio identitário que revela demandas e necessidades próprias, e até agora esquecidas. Portanto, que haja esperanças também de que, nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, a masculinidade não seja o valor dominante que subjogue a mulher ou um indivíduo *queer*, pois a escola não pode ser esse lugar onde a pedagogia da masculinidade impere sobre o espaço de sala de aula, onde a recusa da afetividade também entre indivíduos do mesmo gênero/sexo aconteça. Por isso, creio que a abordagem da literatura *queer* em sala de aula possa dar luz sobre essas reflexões de modo que possamos experimentar esses novos modelos de escolas. Miskolci diz o seguinte:

A escola não deve ser esse lugar de enquadramento das identidades e sexualidades, como também não deve ser esse espaço que auxilia a fazer da infância e da adolescência fases dirigidas para a construção binária como sendo a ideal, a única [...]. (MISKOLCI, 2012, p. 56-57)

A escola, uma vez que a encaramos como um local de normalização dos padrões já estabelecidos, exige ideais coletivos sobre como deveríamos ser e nos comportar. Isso aparece, mesmo que de forma inconsciente, mas consciente, como demandas para nós como estudantes, e até mesmo como imposição. É por isso que se pode afirmar que não há educação neutra: o Estado, a sociedade como um todo e a própria cultura se encarregam de nos fornecer todas as ferramentas possíveis para que sejamos profissionais com uma bagagem ideológica pré-estabelecida para quando chegarmos em sala de aula, despejarmos e, assim, como um ciclo, reproduzirmos essa máquina da pressuposição de que todos deveriam e devem ser heterossexuais, o que chamamos de heterossexismo. Ou mesmo a imposição do

modelo único heterossexual nas relações amorosas entre sujeitos de sexo oposto, a heterossexualidade compulsória, pois a escola, que é autorizada pelo Estado e reproduz seus valores morais para responder as demandas do mercado, acaba exercendo também esse controle dos corpos e das sexualidades em sala de aula.

Por isso a defesa da literatura *queer* em sala de aula, para justamente termos outros tipos de existências sendo colocadas em pauta nos debates nesse espaço escolar, para que possamos sair desse binarismo do gênero (homem/mulher) e das sexualidades (hétero/homossexual). E mais: seria muito interessante que a escola ao assumir seu papel pedagógico saísse desses binarismos e, através da literatura *queer* atravessada por estratégias pedagógicas linguísticas e literárias, possibilitasse uma reflexão política e social sobre esses assuntos debatidos até aqui.

Insisto em encararmos a literatura *queer* em sala de aula através de leituras e escritas desses textos, aliadas às propostas de atividades que façam com que a e o estudante tenha contato íntimo com o texto, pois, uma vez que a leitura seja um ato de escuta, e não só apenas uma leitura sem compromisso, ela nos acorda para algo, assim, entenderemos que o texto tem algo a nos dizer. Ou seja, a importância de encararmos a leitura de textos *queer* em sala de aula como algo significativo, como algo que nos atravessa e que ao nos atravessar nos forma, nos de-forma e nos trans-forma enquanto sujeitos leitoras e leitores, que as e os estudantes consigam, nesse ato da leitura, se constituírem enquanto indivíduos, como também, através da literatura, que os alunos tenham a possibilidade de se questionarem naquilo que eles e elas são, no tocante às identidades. Em outras palavras, levar propostas de atividades de leituras e escritas sobre a literatura *queer* para a sala de aula é possivelmente acreditar na leitura como formação de sujeitos autônomos, e conseqüentemente também pensar na leitura e escrita como atividades de fazer de nós conscientes daquilo que somos, ou pensamos que somos. O nosso compromisso, desse modo, enquanto professores engajados, deveria ser de refletir sobre a leitura como formação das e dos estudantes. Deveria ser sobre cuidar das e dos educandos e educandas. A esse respeito, bell hooks nos diz o seguinte.

A literatura não é intrinsecamente salvadora das pessoas e do mundo, curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função se dirigimos nossa leitura, escrita e a teorização para esse fim. (hooks, 2013. p. 90)

É isso. A urgência que se faz em levar a literatura *queer* para a sala de aula é reafirmar que tocaremos em assuntos que sejam do interesse das e dos educandos e educandas, pois são debates que tratam de suas essências, suas identidades, suas almas. Por isso, essas leituras e escritas em sala de aula são importantes, mas não num sentido raso, de lidar com o texto apenas como pretexto para chegar em atividades descoladas daquilo que se faz necessário, mas sim, tomar essas atividades como algo que mova a e o estudante para outro lugar, lugar esse que até então é desconhecido para ela ou para ele, como algo mais íntimo, que as afete e os afete como sujeitos em formação que estão e, assim, possibilite a atribuição de sentido de si mesmo, segundo bell hooks (2013). É também o que Paulo Freire (1997) defende sobre a importância da nossa responsabilidade ética e estética no exercício de nossa tarefa docente. Ou seja, uma prática educativo-crítica. Em *Pedagogia da autonomia*, é interessante como o autor destaca a necessidade de que o professor e a professora respeitem a história de seus e suas estudantes, colocando-se de forma horizontal frente à turma, em vez de apelarem para um saber vertical, de cima para baixo. Sobre isso, ele nos diz o seguinte:

Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? (FREIRE, 1997, p. 66)

Isso tudo nos mostra que ao encarar a literatura *queer* em sala de aula, de forma sempre crítica com atividades de leitura e escrita, poderemos compreender melhor a pedagogia emancipatória e autônoma que Paulo Freire (1997) se refere e, também, ao ensinar para transgredir, segundo bell hooks (2012) mostra, dando o acesso a esses textos *queer*, que de uma vez por todas, essas aulas possam contribuir para desconstruções de concepções alienadas sobre o humano, uma vez que a própria literatura nos permite essa possibilidade de ampliação de horizontes interpretativos. Em outras palavras, essa nova ação docente deveria instigar as e os estudantes a buscarem novas formas de compreender a si e, conseqüentemente, ao outro. Portanto, essa nova ação, em levarmos a literatura *queer* para a escola, deverá ser vista como um ato na busca de novos caminhos para que os próprios estudantes compreendam também esse caráter emancipatório, ético e estético da literatura *queer* enquanto obra de arte.

Digo e acredito nisso não como algo raso, que seja uma visão romântico-salvadora da Educação, pois daí cairia naquele discurso de que a escola é a solucionadora de todos os problemas sociais. Trago essas reflexões para este trabalho porque creio que podemos, enquanto professores, nos sentirmos desafiados a pensar de forma filosófica e comprometida com a Educação daqueles e daquelas que ocupam o espaço de sala de aula conosco. Alunos e alunas que trazem para a sala de aula toda a sua história, identidade e dignidade e, assim, que possamos pensar em estratégias pedagógicas que recriem um ideal de emancipação de sujeitos, autoconhecimento, reconhecimento do outro, liberdade individual e coletiva para que, dessa forma, consigam alcançar sua humanidade de forma plena e digna.

Antonio Candido, em *O direito à literatura*, diz assim:

Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. (CANDIDO, 2004, p. 175)

A literatura em sala de aula, sobretudo nos dias atuais, se faz muito importante, e aqui trago a literatura *queer* para que o leitor e a leitora fortaleçam a sua totalidade, a qual muitas vezes pode se encontrar perdida. Candido (2004) nos diz sobre a necessidade de fabulação que há em nós e, assim, uma vez que acreditamos nessa possibilidade de que o ser humano necessita desse ato de fabular, parece viável que a tomada de consciência dessa nossa necessidade se faça também ao direito à literatura *queer* em sala de aula, pois esses sujeitos *queer* também realizam essas fabulações de seus mundos a partir de suas experiências e vivências em seus cotidianos. Portanto, o papel da literatura *queer* em sala de aula se revela talvez não em sua materialidade enquanto obra literária para ser colocada em uma prateleira de qualquer armário de sala de aula e dizer que está ali para quem quiser ler. A minha defesa aqui é que ela adentre o espaço escolar, o currículo pedagógico, os planos de aula e, assim, saia do armário para as mãos das e dos educandos e educandas de forma pedagógica, como atividades orientadas como quaisquer outras, e dessa forma que alcance formal e universalmente a linguagem estética da ficção que já atua no todo do ser humano, para que, assim, eleve-a e

eleve-o à humanidade e à cidadania e, por fim, que questione a estrutura social em que vive.

## 5 NARRATIVAS REVELADORAS EM ENTREVISTAS

As entrevistas desempenham um papel fundamental nas pesquisas acadêmicas, pois oferecem uma valiosa oportunidade de reflexão sobre aquilo que teorizamos, além de proporem novas perspectivas sobre algo que até então não havia uma análise mais aprofundada para determinar a veracidade.

Essa metodologia também permite explorar a complexidade da experiência humana ao lidar diretamente com os sujeitos que participam da ação, pois nos permite compreender profundamente as narrativas, crenças, achismos e significados atribuídos pelos indivíduos participantes nos contextos sociais.

Aqui neste texto acadêmico explorarei os significados que compreendi a partir das conversas que tive com os entrevistados, a professora de literatura brasileira no Ensino Médio e idealizadora de uma biblioteca LGBTQIA+ Ana dos Santos, e o escritor e editor, dono de uma distribuidora de livros chamada Ama Livros, Antônio Schimeneck; ambos residentes em Porto Alegre, que prontamente se propuseram a compartilhar suas sabedorias, vivências e experiências para enriquecer este trabalho que visa a refletir uma proposta de construção de identidades e valores a partir de uma abordagem crítica e pedagógica da literatura queer em sala de aula.

Ambos foram convidados pela minha orientadora Liliam Ramos, por terem *insights* valiosos, por garantirem uma amostra representativa relevante e diversificada que pode aprofundar esta pesquisa. Ou seja, por conviverem diariamente com os mesmos termos, as mesmas lutas que defendo aqui, o acesso à literatura *queer* nas escolas, é que acredito que suas perspectivas, seus conhecimentos especializados e suas experiências e vivências serão fundamentais para responderem às questões desta entrevista. A professora Ana dos Santos, filha de professora, é graduada em Letras pela UFRGS e, agora, doutoranda em Letras, na linha de pesquisa de Pós-Colonialismo e Identidades também pela UFRGS. Atualmente, é professora de Literatura Brasileira no Ensino Médio da Escola Estadual Júlio de Castilhos (conhecida em Porto Alegre como “Julinho”). Já Antônio Schimeneck é também graduado em Letras, com Especialização em Literatura Brasileira pela UFRGS e com mestrado pelo PPG-Letras da mesma Universidade.

Dessa forma, as entrevistas foram feitas em uma espécie de questionário enviado em formato de PDF por e-mail, com seis questões para a professora Ana dos Santos e oito questões para o escritor Antônio Schimeneck para que falassem

de suas carreiras enquanto profissionais e respondessem como enxergam e como é o acesso à literatura *queer* nos espaços onde atuam. Assim também, quis saber de que maneira defendiam o acesso dessa vertente da literatura nos lugares onde trabalham.

Contudo, dessa conversa virtual que tivemos, o que mais me chamou a atenção é o não uso do termo *queer*, porque justamente não é usado nos espaços onde trabalham, pois não é do conhecimento das pessoas seu real significado e, com isso, pude compreender que este termo político é bastante usado, me parece, apenas na academia.

Em outras palavras, pude concluir que talvez a falta de familiaridade com o termo em outros contextos que não seja o da Universidade não seja uma limitação cognitiva das pessoas, mas sim, uma especificidade do conhecimento apenas acadêmico e, com isso, por ser um “termo novo” para nós brasileiros, faça com que não tenhamos acesso de forma popular do seu real significado.

Pois bem, dessa maneira, quero me ater um pouco mais nessa ausência do termo, ao qual ambos os entrevistados deram praticamente a mesma resposta e, dessa maneira, refletirei sobre os significados que essa ausência pode acarretar nas construções de valores e identidades na abordagem da literatura *queer* em sala de aula a partir do que venho defendendo até agora neste trabalho acadêmico (MISKOLCI, 2012).

De modo geral, minha pergunta foi direcionada se tinham contato com a nomenclatura *queer* e como definiriam o conceito e, por consequência, a literatura *queer*.

*Professora Ana dos Santos: Eu não trabalho com esse termo, inclusive vim a conhecer a palavra com meus amigos LGBTQIA+.*

*Escritor e editor Antonio Schimeneck: Como escritor e distribuidor de livros voltados pra crianças e jovens, e por esses livros circularem basicamente em escolas, a palavra queer sequer é utilizada.*

*Queer*, como venho apontando neste trabalho, parte de uma teoria acadêmica que nasce por volta dos anos 1960, nos EUA, e vai contra toda essa estrutura heterossexista e da heterossexualidade compulsória na qual vivemos. Ou seja, é um movimento que luta pela transformação radical e de desconstrução dos valores entendidos como norma, a fim de justamente questionar essa normalidade tida como

certa, e como ela própria foi construída. Para corroborar essa minha afirmativa, abaixo coloco mais uma vez uma citação de Miskolci sobre o significado de *queer*.

O que hoje chamamos de queer, em termos tanto políticos quanto teóricos, surgiu como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, possivelmente associado à contracultura e às demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais. (MISKOLCI, 2012, p. 21)

Assim sendo, é fundamental que esse termo e todo o seu significado adentre à sala de aula, aos livros literários, pois ao debatermos esse assunto, colocamos os sujeitos interessados como pessoas ativas em seus propósitos, além das e dos estudantes terem a oportunidade de desconstruírem preconceitos e estereótipos associados a essas identidades e, assim, promoveremos a autenticidade, a emancipação e o desvinculamento dessas regras inculcadas (MISKOLCI, 2012). Ademais, terão também a possibilidade de refletir e questionar a mera presença de personagens *queers* na literatura canônica.

Assim como poderão pensar tais personagens para além do fato de fazerem sexo com pessoas do mesmo sexo, que as e os estudantes possam refletir, por exemplo, sobre os caminhos que esses mesmos personagens fazem para chegarem no entendimento da própria identidade, ou quais os caminhos que o(a) narrador(a) nos mostra. Portanto, o intuito de propor essa abordagem é para que haja estranhamento e, por consequência, ruptura desse binarismo homem/mulher, hétero/homossexual, como o próprio termo acadêmico *queer* defende, a partir dessa tomada de consciência de forma comprometida e orientada sobre a literatura *queer* em sala de aula.

Por isso, cabe a abordagem do *queer*, como movimento político, ocupar esse espaço escolar que serve de construção das inúmeras identidades, para encarar a ficção *queer* como produção que sugere refletir e enfrentar a realidade, como o Manifesto Queer Nation (2016) nos propõe. A própria professora Ana dos Santos ao ser entrevistada reconheceu a importância de levar essa pauta para a sala de aula, e mais, trouxe um fato ocorrido em sua aula.

*Professora Ana dos Santos: Então, quando um aluno gay apresentou o Caio ele se apropriou do texto de forma muito legítima e levantou o debate sobre bissexualidade, homossexualidade e claro, a homofobia que apareciam nos contos. Ele fez a denúncia do que vivia ali na turma e na hipocrisia de alguns. Foi muito emocionante, eu me calei. Foi nesse dia que eu entendi que a literatura "queer" tem que estar presente sempre em sala de aula.*

A fundamental importância da sala de aula ser esse espaço onde esses assuntos possam existir é primordial para que situações como essa que ocorreu em uma aula da professora Ana possam ser mais recorrentes, no sentido de que esses sujeitos consigam verbalizar e denunciar situações preconceituosas que sofrem nesses espaços escolares e, assim, haja a promoção de uma reflexão sobre a estrutura normalizadora da sociedade heterossexista, da qual a escola faz parte e, conseqüentemente, faz com que não enxerguemos outras identidades que não sejam as quais partimos do pressuposto de que são as únicas, heterossexual e homossexual.

O escritor Antônio Schimeneck também traz sua experiência para o debate e enriquece a questão com seus exemplos, ao reafirmar que as e os estudantes sentem esse anseio em falar sobre esses assuntos.

*Escritor e editor Antônio Schimeneck: Percebo que entre os jovens e adolescentes há uma procura por essa temática. As editoras mais comerciais têm investido nesse nicho, bem como têm traduzido várias coleções para atender o mercado brasileiro.*

Ou seja, propor uma abordagem da literatura *queer* em sala de aula para uma construção de identidades e valores a partir desse encontro entre leitores e textos faz com que as pessoas mudem e ao mudar mudem a sociedade em que estão inseridas, pois ler, nessa perspectiva de emancipação do sujeito, é desvelar o desconhecido, uma vez que, não só oprimido tem a revelação de sua condição de oprimido, mas o próprio opressor descobre que a mudança para uma sociedade igualitária traz benefícios para todas e todos, oprimidos e opressores (FREIRE, 1997).

Claro que não é tarefa fácil essa defesa, não se trata de esquecer o presente e jogar com o futuro em uma ideia utópica atravessada de um discurso panfletário. Entretanto, deve haver o espírito de esperança naqueles que se dedicam à tarefa do educar para que, movidos por ela, se engajem nessa árdua e complexa tarefa a fim da promoção de uma pedagogia da autonomia, como nos ensina Paulo Freire (1997) em sua obra.

Assim, Antônio Schimeneck nos relata o quanto essa é uma tarefa árdua, pois muitas editoras e, inclusive, escolas, sobretudo as privadas, ainda relutam em adotar uma abordagem dessa literatura nesses espaços, mesmo que a proposta esteja

claramente engajada seriamente em uma emancipação do sujeito educando e dentro dos parâmetros curriculares pedagógicos.

*Escritor e editor Antônio Schimeneck: No entanto, as editoras com um perfil mais conservador, com a prerrogativa de criação de livros para o público escolar, não estão acompanhando essa tendência. A leitura e a aquisição de literatura LGBTQIA+ voltada ao público jovem é adquirida por quem tem condições de comprá-los. Adolescentes de escolas públicas dependem de políticas públicas para acesso a esses livros e na rede privada, em sua maioria, esses livros não estão disponíveis.*

Pois bem, ainda assim, mesmo havendo essa barreira sobre essa abordagem, acredito nas possibilidades de termos, por exemplo, uma Educação Literária que reconheça o outro na sua integridade, pois é aí que está a relação fundamental do processo educativo e é daí também que nasce a nossa experiência e apreciação estética de uma obra literária por nos trazer a nossa humanidade (CANDIDO, 2004), pois, creio que a validade da ação educativa deve nos mobilizar, enquanto professores, à reflexão sobre os sentidos de nossas ações, nossas condutas e, assim, promover sobre as e os estudantes esse movimento de olhar para o outro e para si mesmos e mesmas também e, por fim, sabermos ensinar aos alunos e às alunas a lidarem e compreenderem essa pluralidade de identidades que convivemos no nosso dia a dia, mesmo enfrentando toda essa barreira relatada por Schimeneck.

Ou seja, sobre a proposta de abordagem da literatura *queer* em sala de aula, os entrevistados foram categóricos em afirmar que a literatura é um texto que conduz ao debate e que precisa ser trabalhado em sala de aula. Vejamos.

*Professora Ana dos Santos: só vejo pontos positivos e devemos trabalhar mais com essa temática. Negativo é a homofobia, de pessoas tão jovens e raivosas com as diferenças. Eu me entristeço de ver os alunos LGBTQIA+ sofrendo, sendo excluídos, ridicularizados e excluídos. Muitos acabam desistindo da escola. A homofobia é explícita, ninguém disfarça, até meninas que sofrem machismo, racismo, reproduzem homofobia. Então, para mim, é urgente essa temática. Ultimamente, colegas professores têm se recusado a chamar os alunos pelos nomes sociais, ou pronomes que eles escolhem, é triste....*

*Escritor e editor Antônio Schimeneck: A literatura de modo geral influencia positivamente quanto à alteridade. Ela é crucial para uma cultura da diversidade. O Brasil ainda precisa avançar muito no campo da leitura. Segundo as estatísticas, como a pesquisa Retratos da leitura no Brasil, nosso país além de ter uma média baixa de leitura, pois quase a metade da população não tem intimidade alguma com os livros, o que se lê está longe*

*do que podemos considerar uma experiência transformadora na quebra de estereótipos e preconceitos.*

Sendo assim, uma vez que a escola enquanto instituição legalizada é um espaço em que as crianças e adolescentes passam o dia todo e, por conseguinte, toda a sua infância e adolescência, fase essa em que nossa identidade e valores estão em construção, se torna primordial que o papel da instituição escolar também seja de participar nessas construções de forma constante e atualizada. Em outras palavras, na escola há os preconceitos, machismo, racismo e lgbtfobia, sendo assim, é justamente nesse espaço escolar que deve acontecer a ruptura desses pré-conceitos e estereótipos sobre esses corpos (MISKOLCI, 2012). Ela deve promover também o que a própria literatura tem por uma das funções, pois ao proporcionar diferentes expectativas, vivências e experiências através das narrativas, desafiamos a visão dominante e, conseqüentemente, ela mesma oferece possibilidades para que a partir dela consigamos vislumbrar de forma mais abrangente uma sociedade plural e também refletirmos sobre as relações humanas. Isso tudo irá contribuir para a educação global das e dos estudantes que tiverem contato de forma orientada com narrativas *queer*.

Cuti, em sua obra *Literatura Negro-Brasileira* (CUTI, 2010), fala sobre um ponto crucial pertencente à literatura e que demarca o elo entre o texto literário e a subjetividade coletiva negro-brasileira, a verossimilhança. Vejamos.

Evidentemente, o narrador na perspectiva da terceira pessoa não conta com a mesma ilusão de testemunho a que o texto pode levar o leitor quando o narrador é personagem contando sua própria história. E quando se fala em ilusão de testemunho estamos falando de algo importante para a literatura: a verossimilhança. Se lemos um texto de ficção ou mesmo um poema e sentimos que aquilo parece verdade, fomos pegos pela verossimilhança. Esta, entretanto, carece de referendo da nossa história pessoal. Algo parece verdade para alguém. A verossimilhança, portanto, precisa de que alguém a referende. E este alguém só pode fazê-lo com base em seus referenciais, sua experiência de vida. Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. (CUTI, 2010, p. 80)

Em outras palavras, é através dessa característica própria da literatura, a verossimilhança, que há grandes possibilidades de acontecer um fenômeno muito conhecido entre aqueles que se envolvem com a literatura de forma mais acurada, a catarse. A catarse, conhecida por possibilitar uma conexão mais profunda entre a obra e o leitor e, desse modo, estimular uma resposta emocional permitindo que o(a)

leitor(a) se envolva emocionalmente com os personagens e eventos ocorridos durante a narrativa, também pode ocorrer entre uma obra *queer* e uma ou um estudante enquanto leitor(a) *queer*. A ideia é que estudantes heterossexuais também possam ter contato com essa literatura para que repensem sobre suas condutas que os fazem sujeitos privilegiados diante da sociedade se, por exemplo, partirmos de suas sexualidades. Por fim, segundo Cuti, a afirmação sobre a catarse é importante para que haja a tomada de consciência do(a) leitor(a) e, assim, manter no(a) leitor(a) a disposição de seguir adiante com entusiasmo.

Quanto às literaturas *queer* propriamente ditas, há muitas produções feitas até o momento. A professora Ana dos Santos diz ter trabalhado com Caio Fernando Abreu em sala de aula, por exemplo.

*Professora Ana dos Santos: Com meus alunos do terceiro ano, trabalhamos 3 ou 4 anos com a leitura de "Morangos Mofados" de Caio Fernando Abreu. Foi a primeira vez que as relações homoafetivas apareceram nos textos literários das aulas. Até porque sempre temos alunos LGBTQUIA+ que durante as discussões literárias atentaram sempre para as narrativas heterocentradas e valores heteronormativos.*

Ela também relata sobre um caso na escola em que apresenta para uma de suas alunas - Amora -, de Natália Borges Polesso, e os poemas da poetisa Atena Beauvoir, mulher trans gaúcha, e assim refletiram em suas aulas sobre a transantropologia, conceito criado pela própria poeta.

*Professora Ana dos Santos: Ano passado, durante um sarau, uma menina fez um poema dizendo que era lésbica e gostava de meninas, foi de chorar mesmo...e ali nós tínhamos acabado de receber o livro de contos "Amora" da Natália Borges Polesso, eu mostrei pra ela e entendi que ainda era muito pouco. Há dois anos, eu trabalho com o Slam e sempre trago os vídeos da poeta Atena Beauvoir, uma mulher trans. E tem sido muito didático e objetivo, ela deixa todos os alunos calados e refletindo sobre a Transantropologia, conceito que ela criou.*

Assim como a professora Ana dos Santos reconhece essa urgência e a pratica em seu ofício com as ferramentas que tem, o escritor e editor Antônio Schimeneck também compartilha da mesma ideia e traz exemplos de livros seus que tratam dessas narrativas quando perguntei para ele sobre tais livros, que são *Elis Regina para meninos*, com uma linguagem inclusiva no título, e *Por que eu não consigo gostar dele/dela?*, que retrata o momento da adolescência. Observemos, agora, o que o entrevistado responde.

*Escritor e editor Antônio Schimeneck: Esses dois livros são experiências distintas. Na coleção Para meninos, da editora SUR, muito embora os livros não estejam com a linguagem inclusiva nas suas narrativas, há um cuidado para não reforçar estereótipos. Ela tem esse nome justamente para provocar discussão e colocar os livros numa perspectiva de que todos podem ler. Ela já tem recebido sua cota de censura, pois já foi banida de algumas feiras escolares, bem como de livrarias que não aceitaram colocar os livros em suas prateleiras. O Por que eu não consigo gostar dele/dela? tem a perspectiva de colocar os leitores dentro do universo LGBTQIA+, pois são narrativas buscadas em nossas vivências, tanto da minha quanto da Ana<sup>1</sup>, e que de certa forma dialogam com o que queríamos ter lido quando adolescentes, para que tivéssemos trabalhado melhor, naquele momento, nossas questões afetivas.*

Pois bem, creio ter demonstrado até aqui minhas convicções e opiniões sobre termos a literatura *queer* em sala de aula, pois essas reflexões foram baseadas nos referenciais teóricos e apresentadas junto das falas dos entrevistados, que muito reforçam sobre o assunto, mesmo que isso possa, futuramente, envolver confrontação ou oposição aos outros pontos de vista. Desse modo, tento dar luz nesse assunto que tanto necessita de visibilidade nesse espaço escolar no qual passamos praticamente toda nossa infância e adolescência, para que, dessa maneira, haja reflexão e por conseguinte ação sobre nossa estrutura social heterossexista.

Com isso, tanto a professora e idealizadora de uma biblioteca LGBTQIA+ Ana dos Santos, quanto o escritor e editor Antônio Schimeneck, compartilham da mesma ideia e trazem exemplos de livros *queers* que trabalham para justamente enfatizarmos essa urgência. Assim, acredito que quando pudermos experimentar aulas de Literatura que façam o elo entre textos e sujeitos e, a partir dessa ligação, presenciarmos ações desses mesmos sujeitos em prol de uma sociedade mais digna e justa para todos e todas, dessa forma, esses mesmos sujeitos poderão ser atravessados pelas reflexões das construções das identidades das personagens e, dessa maneira, terem a liberdade de refletirem a sua identidade a partir desse atravessamento. Talvez assim conseguiremos, enquanto professores engajados numa pedagogia da autonomia e da transgressão, alcançar um dos mais importantes objetivos do nosso papel, a emancipação do sujeito, a sua humanização.

---

<sup>1</sup> Aqui, Antônio Schimeneck se refere a Anna Claudia Ramos, com quem escreveu o livro *Por que eu não consigo gostar dele/dela?*, não a Ana dos Santos, minha outra entrevistada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, este trabalho explorou a importância de termos um compromisso em abordar a literatura *queer* em sala de aula para construção das identidades e valores das e dos estudantes e, assim, servir como ferramenta pedagógica de reconhecimento, inclusão, representação e tomada de consciência nesses espaços escolares. Essa ideia aqui tratada nasceu muito depois da minha descoberta homossexual, veio particularmente no momento em que estávamos trancados em nossas casas por um longo período devido à pandemia de Covid-19. Nesse momento que fiquei junto com meus familiares, as preocupações vinham aos poucos, os dilemas de todo estudante universitário nessa reta final do curso, sobre qual tema abordaria no meu TCC, então voltei à minha infância e adolescência, novamente voltei a minhas reflexões sobre mim, sobre minha identidade ali, mais uma vez preso (ainda que por outra circunstância), cheguei à conclusão de que queria abordar esse tema em sala de aula.

Entretanto, meus conhecimentos eram muito ligados ao senso comum, sobretudo ao significado da palavra “queer”. Carecia de referenciais teóricos que me orientassem nessa caminhada, e ao longo desta pesquisa, com compartilhamentos das sabedorias e sugestões dos meus queridos orientadores, fui compreendendo o termo e todo seu efeito de sentido e isso fez com que, aos poucos, focasse em um alvo, a estrutura social. Entendi que eu mesmo, mais uma vez, refleti sobre a minha própria identidade.

Nessa pesquisa, primeiramente, quando relato sobre minha autodescoberta lá no primeiro capítulo, foi como se eu descarregasse um peso, pois é a primeira vez que descrevo esse processo pelo qual passei, uma vez que, para um estudante de Letras, a escrita é um ato também terapêutico, e assim me atravessou enquanto sujeito gay. Então, essa parte para mim foi um processo ao mesmo tempo um pouco dolorido, pois me remeteu a momentos doídos que vivenciei, mas também de alívio, liberação e até, atrevo-me a dizer, cura emocional.

Ao ler e compreender os sentidos do termo *queer*, tive momentos de muitas ideias sobre essa abordagem em sala de aula, mas ao me deparar com as falas dos entrevistados sobre as barreiras e burocracias enfrentadas para conseguirem tratar desses assuntos nos espaços onde atuam, confesso que me espantei ao mesmo tempo que a tristeza apareceu, porque realmente não tinha ideia de como

funcionavam essas mediações das entradas dos livros nas escolas e nas livrarias. Com os relatos e exemplos pude perceber que não seria uma tarefa fácil, mas também a vontade em escrever e estudar mais sobre o assunto foi, de uma forma mais intensa, um desejo insaciável por mostrar o que acredito, possibilitando o acesso à literatura em sala de aula.

Desse modo, inicio minha defesa da importância da literatura *queer* em sala de aula. Pois bem, Paulo Freire sempre me encantou desde que tive contato com suas teorias e práticas pedagógicas lá no início da faculdade. Sempre tive certeza em mim de que iria usá-lo em algum momento na graduação. Enfim, seu compromisso de forma responsável por uma justiça social através da pedagogia e por acreditar que a Educação deve ser emancipatória me deixava, e ainda me deixa, apaixonado, encantado. E depois conheci bell hooks, ela mesma assumidamente freireana, e que também acreditava em uma educação que fosse de forma sempre horizontal entre professor(a) e aluno(a), uma educação antirracista e pelo reconhecimento da identidade de gênero em sala de aula, que ensina para realmente transgredir. Ou seja, ambos me envolveram demais no fascínio em escrever sobre literatura *queer* em sala de aula e, assim, calhou de cruzá-los, e a partir deles, defender o que eu queria. Esse processo foi belo para mim, pois ao lê-los, novamente aprendi a ser professor.

Por fim, escrevo sobre as entrevistas, um diálogo, mesmo que distante, mas que me aproximou da realidade e, dessa forma, dada essa realidade, tanto Ana dos Santos quanto Antônio Schimeneck me deram a possibilidade de reflexão a partir do que trouxeram. Essa parte em especial foi bastante enriquecedora para o meu processo de pesquisa, aprendizado e formação enquanto um sujeito gay e professor, porque pude compreender como funcionavam as mediações por trás das cortinas desse espetáculo que é a sala de aula e, por fim, desenvolver em mim entusiasmo em possibilitar o acesso e o direito à literatura *queer* em sala de aula.

Escrever este TCC foi um processo bastante significativo e uma experiência profundamente gratificante, pois esta jornada de pesquisa, análise, diálogo e reflexão me fez ter uma conexão profunda com o tema e, ao mesmo tempo, me proporcionou uma maneira de explorar e compreender outras perspectivas, bem como entender a condição humana e mergulhar em mundos imaginários. Posso afirmar de forma categórica que cada descoberta e nova conexão que fiz durante a

pesquisa despertou um senso de maravilha intelectual e fortaleceu meu amor pela literatura e pelo ato de ensinar para emancipação e transgressão do sujeito.

Assim, não há dúvidas de que pretendo dar continuidade a esse trabalho futuramente em novos títulos acadêmicos e, assim, ao me aprofundar mais nas pesquisas sobre literatura *queer* e sala de aula, colaborar para que tenhamos uma sala de aula onde as e os alunos sejam as e os protagonistas de suas próprias histórias e indivíduos participantes ativos na construção de uma sociedade mais justa e digna para todos e todas.

## REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres. Traduzir o queer: uma opção viável?. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/fJ96m3tkRTTB8vBfS68Jg7v/?lang=pt#>. Acesso em: 09 ago. 2023.
- ALÓS, Anselmo Peres. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 3, p. 837-864, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/qct6T7rqY7HDJyXkZwBhJdp/?lang=pt>. Acesso em: 09 ago. 2023.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. **Vários escritos**. 4. ed. (reorganizada pelo autor). São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004. p. 169-191.
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz&Terra, 1997.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- MANIFESTO QUEER NATION. **Catálogo do forumdoc.bh.20anos, Caderno de Leituras n. 53**. Belo Horizonte: forumdoc.bh, 2016. Disponível em: [https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/11/SI\\_cad53\\_ManifestoQueerNatio n.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/11/SI_cad53_ManifestoQueerNatio n.pdf). Acesso em: 09 ago. 2023.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Autêntica, 2012.
- OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL. **Dossiê denuncia 273 mortes e violências de pessoas LGBT em 2022, 08 maio 2023**. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>. Acesso em: 09 ago. 2023.
- SÁ-CARNEIRO, Mário. **Dispersão**. Brasília: Domínio Público, 2006. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=19245](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=19245). Acesso em: 09 ago. 2023.
- VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância lgbtq**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

## APÊNDICE I - ENTREVISTA COM ANTÔNIO SCHIMENECK

a) A partir da tua experiência enquanto escritor e distribuidor de livros para escolas de educação básica, inicio com a seguinte questão: tu trabalhas com o conceito de queer? Se sim, como defines queer e, por consequência, literatura queer?

Antônio Schimeneck: Como escritor e distribuidor de livros voltados pra crianças e jovens, e por esses livros circularem basicamente em escolas, a palavra *queer* sequer é utilizada. Ainda estamos na fase de abordagem sobre as diferenças e de discussão de gênero. Pessoalmente, tenho como conceito a nomenclatura *queer* como definição de uma parte do universo LGBTQIA+, muito embora o termo comumente seja utilizado para nomear literaturas com personagens gays. Procuro utilizar o termo narrativa LGBTQIA+.

b) Já que estamos conversando sobre leituras e escritas e percebendo que é o seu trabalho. Se não se importa em compartilhar, fiquei curioso em saber sua formação acadêmica nessa área. Se há ou não, ou em outra área diferente das Letras. Caso seja diferente, se não se importa, conte o porquê da escolha pelas Letras?

AS: Iniciei meus estudos acadêmicos na Filosofia e na História, mas não segui adiante esses cursos. Sou formado em Letras, com Especialização em Literatura Brasileira pela UFRGS e com Mestrado pelo PPG Letras também da UFRGS.

c) E qual o seu envolvimento com a literatura *queer*? Por que a escolha de trabalhar com a literatura?

AS: Trabalho com editoras, de certa forma, em sua maioria, um tanto conservadoras em suas linhas de publicações. Elas seguem uma tendência do mercado. Se o que vende no momento são livros com temática indígena, negra, feminista, para bebês, é o que será publicado. Poucas realmente têm essa perspectiva de transgredir. Um dos motivos é econômico. Livros que vão de encontro ao normatizado não vendem e editoras pequenas precisam de um retorno rápido para continuarem publicando. Portanto, das quase 40 editoras distribuídas pela minha empresa, a Ama Livros, pouquíssimos títulos são voltados para temática LGBTQIA+. Tenho um livro publicado, em parceria com a escritora carioca Anna Claudia Ramos, chamado Por que eu não consigo gostar dele/ dela? (Oficina Raquel, 2020). Esse livro revela um anseio, tanto meu quanto da Anna, de colocar no mercado um livro que traga nossa vivência com a temática. Nós, como autores de Literatura Infantil e Juvenil, acabamos nos colocando diante dessa realidade, participando dela e evocando narrativas que gostaríamos de ter lido quando jovens e das quais nunca tivemos acesso, por não existirem ou por não nos estarem disponíveis. Nesse sentido, trabalhar com literatura LGBTQIA+ é uma necessidade, mas que entra, como diz a

Ana Maria Machado sobre a escrita de literatura infantil e juvenil durante a ditadura militar, pelas frestas e pelas brechas. O espaço dos jovens, a escola, principalmente a rede particular de ensino, ainda não é o ponto de convergência de discussão dessas temáticas, somente entramos nela eventualmente e sob o guarda-chuva da obrigação de falar sobre diversidade. Escolhi trabalhar com literatura por uma paixão pessoal para com os livros e por acreditar que eles podem ajudar no aprofundamento tanto das realidades pessoais quanto universais. Comigo foi assim, a literatura me deu subsídios para ser um ser humano melhor.

d) De que forma tu percebes a literatura *queer* no Brasil? Há uma procura significativa por livros com a temática?

AS: Percebo que entre os jovens e adolescentes há uma procura por essa temática. As editoras mais comerciais têm investido nesse nicho, bem como têm traduzido várias coleções para atender o mercado brasileiro. No entanto, as editoras com um perfil mais conservador, com a prerrogativa de criação de livros para o público escolar, não estão acompanhando essa tendência. A leitura e a aquisição de literatura

LGBTQIA+ voltada ao público jovem é adquirida por quem têm condições de comprá-los. Adolescentes de escolas públicas dependem de políticas públicas para acesso a esses livros e na rede privada, em sua maioria, esses livros não estão disponíveis.

e) Como distribuidor de livros, poderias nos contar sobre a experiência de pedidos e/ou sugestões de literatura *queer* pelas escolas de educação básica? As escolas solicitam tais livros? A distribuidora apresenta um catálogo de obras para trabalhar com a sexualidade?

AS: Nossas opções são reduzidas. Entre os quase 40 catálogos distribuídos não chegamos a 10 títulos de literatura com temática LGBTQIA+ para o público infantojuvenil. Não há solicitação da temática por parte das rede privada. Algumas escolas públicas que recebem verbas de programas de leitura pedem títulos com essa temática, mesmo assim, não representam um impacto nas vendas.

f) Na tua opinião, como a literatura pode auxiliar no desafio aos estereótipos e preconceitos, promovendo a compreensão e a empatia entre as pessoas leitoras?

AS: A literatura de modo geral influencia positivamente quanto à alteridade. Ela é crucial

para uma cultura da diversidade. O Brasil ainda precisa avançar muito no campo da leitura. Segundo as estatísticas, como a pesquisa Retratos da leitura no Brasil, nosso país além de ter uma média baixa de leitura, pois quase a metade da população não tem intimidade alguma com os livros, o que se lê está longe do que

podemos considerar uma experiência transformadora na quebra de estereótipos e preconceitos.

g) Tu és um escritor que trabalhas com temáticas variadas relacionadas à sexualidade, como a linguagem inclusiva (*Elis Regina para meninos*) e o momento de descobertas na adolescência (*Por que eu não consigo gostar dele/dela?*) Nesse sentido, tu te consideras um escritor *queer*? Se sim, o que caracteriza um escritor *queer*?

AS: Esses dois livros são experiências distintas. Na Coleção Para Meninos, da Editora SUR, muito embora os livros não estejam com linguagem inclusiva em suas narrativas, há um cuidado para não reforçar estereótipos. Ela tem esse nome justamente para provocar discussão e colocar os livros numa perspectiva de que todos podem ler. Ela já tem recebido sua cota de censura, pois já foi banida de algumas feiras escolares, bem como de livrarias que não aceitaram colocar os livros em suas prateleiras. O *Por que eu não consigo gostar dele/ dela?* tem a perspectiva de colocar os leitores dentro do universo LGBTQIA+, pois são narrativas buscadas em nossas vivências, tanto minhas quanto da Anna, e que de certa forma dialogam com o que queríamos ter lido quando adolescentes, para que tivéssemos trabalhado melhor, naquele momento, nossas próprias questões afetivas. Não me considero propriamente um escritor *queer*, pois minha publicação não é toda voltada para essa temática. Eu precisaria mudar completamente o rumo que minha carreira tomou até agora e praticamente abandonar as atividades escolares. No entanto, a perspectiva dos direitos humanos perpassa propositalmente tudo que escrevo.

h) Para finalizar, quais obras com a temática da sexualidade tu sugeririas para serem trabalhadas nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio?

AS: Sugiro os seguintes títulos:

Anos iniciais:

SCHIMEL, Lawrence. Não é hora de brincar, Callis Editora.

SCHIMEL, Lawrence. Logo pela manhã, Callis Editora.

VILLAÇA, Cristina. Três mocinhas elegantes. Zit Editora.

ROCHA, Eliandro. Prendedores. Editora Abacatte (No Prelo).

CARRASCO, Walcyr. Meus dois pais. Editora Moderna.

LEITE, Márcia. Olívia tem dois papais. Editora Companhia das Letrinhas.

BRUEL, Christian. A história de Júlia e sua sombra de menino. Editora Scipione.

Anos finais:

MARTINS, Georgina. O menino que brincava de ser. Editora DCL.

BERNARDI, Hermes. Eu é um outro. Editora Edelbra.

BRUNO. Tia Vilma. Editora Abacatte.

LEITE, Márcia. Do jeito que a gente é. Editora Ática.

Ensino Médio:

FILHO, Manuel. Vento forte, de Sul e Norte. Editora do Brasil.

RAMOS, Anna Claudia. Sempre por perto. Editora Cortez.

RAMOS, Anna Claudia. SCHIMENECK, Antônio. Por que eu não consigo gostar dele/ dela?. Editora Oficina Raquel.

## **APÊNDICE II - ENTREVISTA COM A ANA DOS SANTOS**

Perguntas da entrevista:

- a) Para começar, você se importaria em falar um pouco sobre sua formação acadêmica e seu interesse por literatura (*queer*)? Quando e como começou esse envolvimento sobre essas narrativas?
- b) A partir de comentários que fizeste em participações de eventos sobre a importância de trabalhar com a diversidade nas aulas de literatura do Ensino Médio, inclusive, sobre a biblioteca LGBTQIA+ que estás montando com teus alunos, inicio pela seguinte pergunta: tu trabalhas com o conceito de *queer*? Se sim, como defines *queer* e, por consequência, literatura *queer*?
- c) Em tua percepção, há uma necessidade de abordar assuntos *queer* a partir dos próprios estudantes?
- d) Em tua opinião, quais os pontos positivos e os desafios ao abordar a literatura *queer* em sala de aula?
- e) Tu lembra de alguma história, alguma situação de sala de aula que envolva assuntos *queer* e que tenha surgido a partir da proposta de um texto literário?
- f) Para finalizar, gostaria de te ouvir sobre como a inclusão da literatura *queer* no currículo escolar pode contribuir para a construção de identidades e valores a partir de uma abordagem em sala de aula.

Ana, quero imensamente agradecer por você dedicar um tempo seu para me ajudar na conclusão do meu TCC. Obrigado mesmo.

### **Respostas da entrevistada:**

Olá, Carlos, seguem as respostas:

a) Meu interesse por literatura começou na infância, minha mãe era professora de Filosofia e sempre me presenteou com livros. Fui alfabetizada em casa e aos 8 anos iniciei a escrita de um diário que sigo até hoje. Me formei em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, sou professora de Literatura Brasileira e atualmente doutoranda em Pós-colonialismo e Identidade.

Sempre li de tudo, dentro de um cânone literário eurocentrado, heteronormativo, branco, de classe média alta e cristão, ou seja, o que temos que ler na faculdade. Porém, meus interesses por outras línguas me levaram a conhecer a obra de Oscar Wilde e sua luta contra a homofobia, num contexto onde era crime amar outro homem e ao assumir isso ele foi preso e processado, sou muito fã dele.

b) Eu não trabalho com esse termo, inclusive vim a conhecer a palavra com meus amigos lgbtqia+. Com meus alunos do terceiro ano, trabalhamos 3 ou 4 anos com a leitura de "Morangos Mofados" de Caio Fernando Abreu. Foi a primeira vez que as relações homoafetivas apareceram nos textos literários das aulas. Até porque sempre temos alunos lgbtqia+ que durante as discussões literárias atentaram sempre para as narrativas heterocentradas e valores heteronormativos. Então, quando um aluno gay apresentou o Caio ele se apropriou do texto de forma muito legítima e levantou o debate sobre bissexualidade, homossexualidade e claro, a homofobia que apareciam nos contos. Ele fez a denúncia do que vivia ali na turma e na hipocrisia de alguns. Foi muito emocionante, eu me calei. Foi nesse dia que eu entendi que a literatura "queer" tem que estar presente sempre em sala de aula.

Quanto à biblioteca, não existe essa "entrada": literatura queer no sistema de bibliotecas digital, assim como não tem também para a diversidade de literaturas negras e/ou indígenas. Então temos uma prateleira e uma vitrine onde damos destaques para esses títulos. Ano passado, durante um sarau, uma menina fez um poema dizendo que era lésbica e gostava de meninas, foi de chorar mesmo...e ali nós tínhamos acabado de receber o livro de contos "Amora" da Natália Borges Polesso, eu mostrei pra ela e entendi que ainda era muito pouco.

Há dois anos, eu trabalho com o Slam e sempre trago os vídeos da poeta Atena Beauvoir, uma mulher trans. E tem sido muito didático e objetivo, ela deixa todos os alunos calados e refletindo sobre a Transantropologia, conceito que ela criou. Eu me sinto cada vez mais desafiada por meus alunos, agora temos muitas pessoas não binárias e ainda não temos representatividade literária para essas pessoas, pelo menos eu desconheço, deve existir. Vai chegar para nós. Assumimos esse compromisso porque os alunos vêm pedindo por literatura queer na biblioteca.

c) Claro, há muito a necessidade de sempre abordar esse assunto, existe muito homofobia entre os adolescentes. De fato, a abordagem partiu dos alunos, começou como eu disse acima, os questionamentos começaram nas discussões sobre relações afetivas românticas, Eu falava "mocinho" e "mocinha", e eles rebatiam, não podia ser mocinho e mocinho? Mocinha e mocinha? Daí troquei por "pessoas", "ser amoroso", "mozão", "bem", eu até brinco com isso, a gente vai trocando junto. Mas, por trabalhar com autoria de mulheres, eu precisei rever muito minhas aulas, então, sempre atento para os contextos sócio-históricos e a exclusão desses atores sociais, o machismo, o racismo, a homofobia, então eles compreendem que a literatura reflete essa nossa sociedade preconceituosa.

d) Só vejo pontos positivos e devemos trabalhar mais com essa temática. Negativo é a homofobia, de pessoas tão jovens e raivosas com as diferenças. Eu me entristeço de ver os alunos lgbtqia+ sofrendo, sendo excluídos, ridicularizados e excluídos. Muitos acabam desistindo da escola. A homofobia é explícita, ninguém disfarça, até meninas que sofrem machismo, racismo, reproduzem homofobia. Então, para mim,

é urgente essa temática. Ultimamente, colegas professores têm se recusado a chamar os alunos pelos nomes sociais, ou pronomes que eles escolhem, é triste....

e) Como disse acima, Caio Fernando Abreu, inclusive vimos o curta "Sargento Garcia" e foi muito legal. Depende da turma, e do dia, a abertura deles pra refletir. Quando vimos o vídeo da Atena Beauvoir, ano passado, minha aluna tomou coragem pra pedir a troca pelo nome social. Todos nas escolas apoiaram e ela veio sofrer preconceito no Palácio da Polícia...é uma luta, sempre...

f) Então, eu trabalho com um currículo tradicional e veja só os poucos autores que eu trabalhei. Nós precisamos reconhecer que a Literatura Brasileira é excludente e homofóbica. Somente o Caio numa lista de leituras obrigatórias que existe há mais de 20 anos...Ah, lembrei que trabalhei com alguns contos da Conceição Evaristo com mulheres lésbicas, bissexuais e trans, mas ela não é uma autora "queer", certo? Aparece uma relação lésbica no livro "As meninas" de Lígia Fagundes Teles também, mas ela não é uma autora queer. E aí? Deixo essa provocação pra você pensar. A gente tem na história da Literatura Brasileira, os primeiros personagens homossexuais no século XIX, no Naturalismo, retratados como "doentes" e "perversos: a pombinha de "O cortiço", os meninos do "Ateneu", o "Bom crioulo", racista inclusive. Será que isso é literatura queer? Provocações...

Encontro no Slam e na Poesia Contemporânea, alguns respiros como a Atena, e Mariam Pessah, poeta lésbica, eu pesquiso e trago pra sala de aula, mas digo que estou sozinha nessa empreitada.

Boa Sorte!

Abraço poético

Ana Dos Santos

<http://anitamorango.blogspot.com>